

REVISTA CULTURAL

O GALO O GALO O GALO

Labim/UFRN

ANO V - Nº 4 - NATAL-RN - JUNHO/JULHO/93 - GOVERNO DO ESTADO DO RN - FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - CR\$ 150.000,00



Ofícios de um Poeta

Francisco Augusto Caldas de Amorim

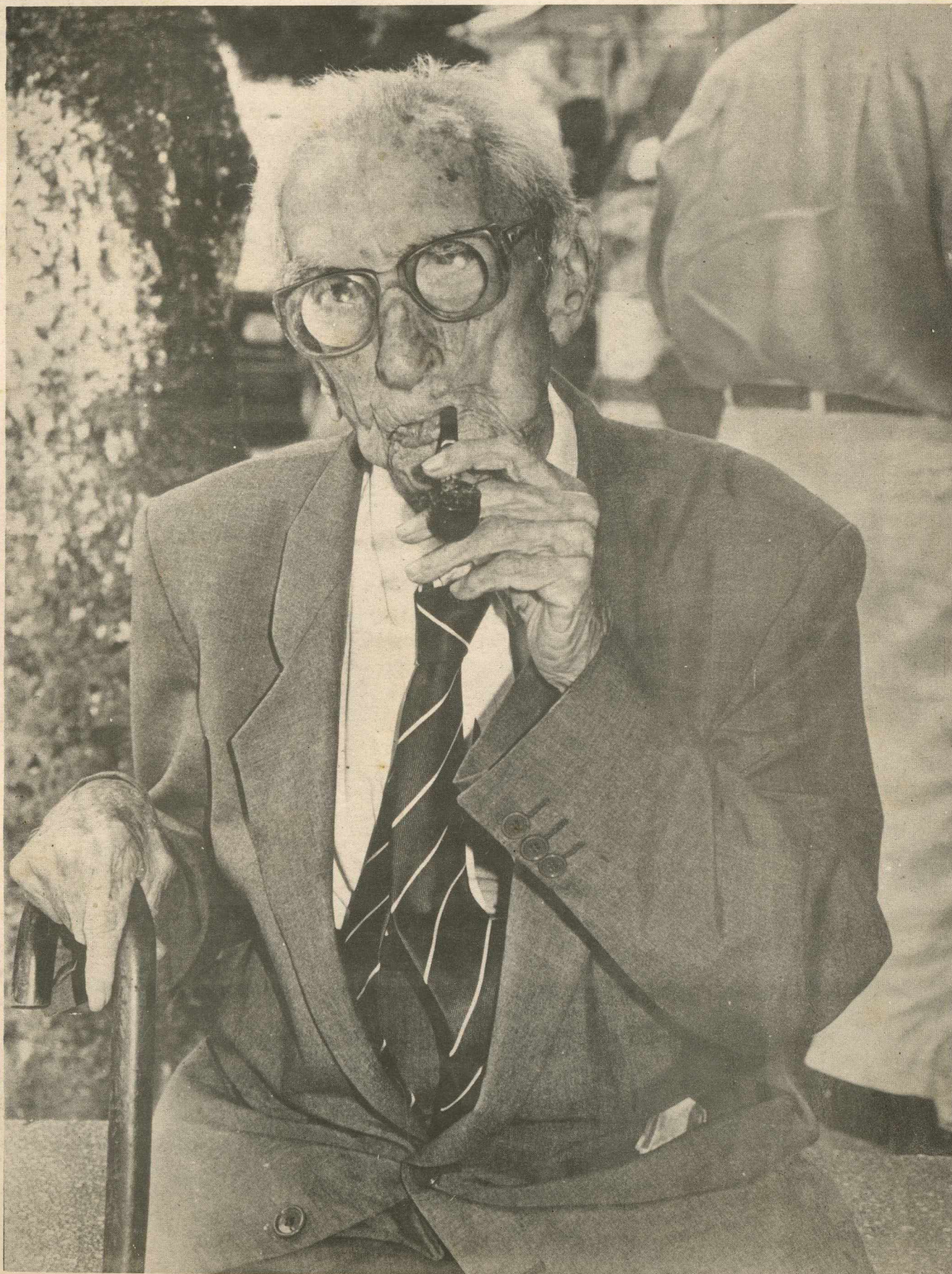


Foto: Carlos Santos



FALVES 76

O Poeta continua chisquito, um homem do Assu



PERFIL

(Francisco Augusto Caldas de Amorim — Chisquito)

Fanado corpo,
Inteligência ativa.
Andar ligeiro vista penetrante
É uma glória do futuro,
Se lá for como hoje é bom estudante.
Escreve nos jornais da terra altiva
Assu, berço de heróis,
Assu gigante.
É poeta, verseja a sua Diva
E com isto vai passando triunfante.
Idealista, cheio de aurea crença
Crer que o Brasil se salvará um dia
Com os madrigais que deita Renacensa
É dos novos fecundos literato
Faz prosa, faz discurso, faz poesia.
É o Olavo Bilac do Externato.

João Celso Filho
Diretor do Externato Rui Barbosa em Assu

Ele é o único poeta vivo dos 200 que figuram na Antologia de poetas do Rio Grande do Norte elaborada por Ezequiel Wanderley e editada em 1922 e que mereceu uma reedição no mês passado. Francisco Augusto Caldas de Amorim, ou simplesmente Francisco Amorim, como assina seus livros, ou Chisquito para os amigos, pertence a profícua estirpe de literatos, poetas e jornalistas, gerados nas terras férteis do Assu.

Prestes a completar 94 anos (10 de julho), Chisquito conserva rasgos de lucidez com instantes de dificuldades em situar fatos históricos, no que é ajudado pelo filho Tarcísio. Autor de quase 20 livros, entre poesia e prosa, escreveu entre outras obras, "História da Imprensa do Assu", "História do Teatro no Assu", "O Açú no Roteiro das Glosas" e vários livros de poesias.

Um dos orgulhos do velho escritor é pertencer a várias academias literárias do país, tendo inclusive ganhado, recentemente, duas medalhas em um concurso de glosas no Rio de Janeiro. De Câmara Cascudo, que escreveu o prefácio do seu livro "Eu Conheci Sesyom", em 1961, ele lembra uma sugestão feita pelo mestre: para tirar o artigo (o) do nome do livro, que originalmente era "Eu Conheci o Sesyom". Sobre Cascudo, Chisquito é definitivo: "Vai ser necessário mais um século para aparecer outro".

Chisquito Amorim gosta de ser incluído entre os nossos modernistas. Ele cita o livro "Forrobodó", escrito à luz de lamparina em 1929, como a obra que o coloca ao lado de Jorge Fernandes, Otoniel Menezes e Jaime Wanderley.

Os passeios do poeta

Em alguns dias da semana o poeta pode ser visto sentado num dos bancos do café São Luiz, no Centro, "Central de Jornalismo" e local de encontro de várias gerações. Poetas, boêmios, aposentados, jornalistas, desocupados e ocupados, sempre encontram um tempinho para um "café pequeno" e um dedo de prosa. Chisquito já faz parte da fauna que habita o São Luiz, ao lado do poeta Osório Almeida, do jornalista Miranda Sá, e figuras chaves para se entender o imaginário coletivo do Grande Ponto como rebouças (OVNI), e Nilton Freire, membro do AA.

Aos domingos, o poeta dá uma esticada de sua casa, de número 99, na Rua Vaz Gondim, coração antigo da velha Natal, até a Praça Kennedy. O traje é o mesmo, quer seja na semana ou não: paletó e gravata. Como companheiro inseparável um velho cachimbo. Algumas noites pode ser visto sentado na calçada de sua casa, sozinho, dando longas baforadas e olhar perdido entre as nuvens de fumaça que vão se formando.

Com a visão e a audição bastante debilitadas, Chisquito se locomove com dificuldade, mas não entrega os pontos e continua produzindo. Ele dita seus poemas para o filho, que revela ter alguns inéditos na gaveta e que serão publicados paulatinamente. Casado com dona Maria Augusta da Fonseca Amorim, com quem vive até hoje, numa união que já dura 70 anos, e que deu os filhos José Tarcísio Augusto de Amorim e Maria do Céu Fonseca Amorim, falecida, Chisquito Amorim mora em Natal desde de 1985, mas suas melhores e mais importantes lembranças estão fincadas no Assu.

Entrevista por: Auricéia A. Lima e Tácito Costa
Texto: Tácito Costa *

Literato precoce

O interesse pela poesia começou quando ele era menino, nas aulas de Sinhazinha Wanderley. É o próprio Chisquito quem lembra quando fez seu primeiro poema. Conta que a professora deu o tema 7 de setembro e ele desenvolveu um poema. Ao mesmo tempo que frequentava a escola, fazia suas incursões pela tipografia do irmão, Palmério Filho, um dos mais importantes jornalistas do Assu, e que editou durante 30 anos do jornal "A Cidade", um semanário por onde passaram todos os grandes literatos do Assu.

"Eu ia para a tipografia ainda menino e em 1908 fiz um jornal do tamanho de uma caixa de fósforo chamado "O Trabalho", recorda Chisquito Amorim. Eram tempos de aldeias não globais. O poeta diz que era muito difícil conseguir um livro e os jornais de outros Estados demoravam mais de um mês para chegar.

Além de poeta, Chisquito foi farmacêutico durante muitos anos. O ofício ele aprendeu na farmácia do pai, que começou a frequentar quando tinha 11 anos. Na ausência de médicos era quem receitava a população, ganhando grande reconhecimento e uma legião de afilhados.

No prefácio do livro "Essências", o jornalista e poeta Celso da Silveira, também assuense, conta que certa vez foi portador de um bilhete do pai, rimado, que fazia uma consulta: "Meu caro Chisquito/ quando a gente fica velho/ tudo chega para o mal/ de quem não toma conselho/. No meu tempo de criança/ sofri de gastroenterite/ por ser sempre extravagante/ hoje tenho uma colite..."

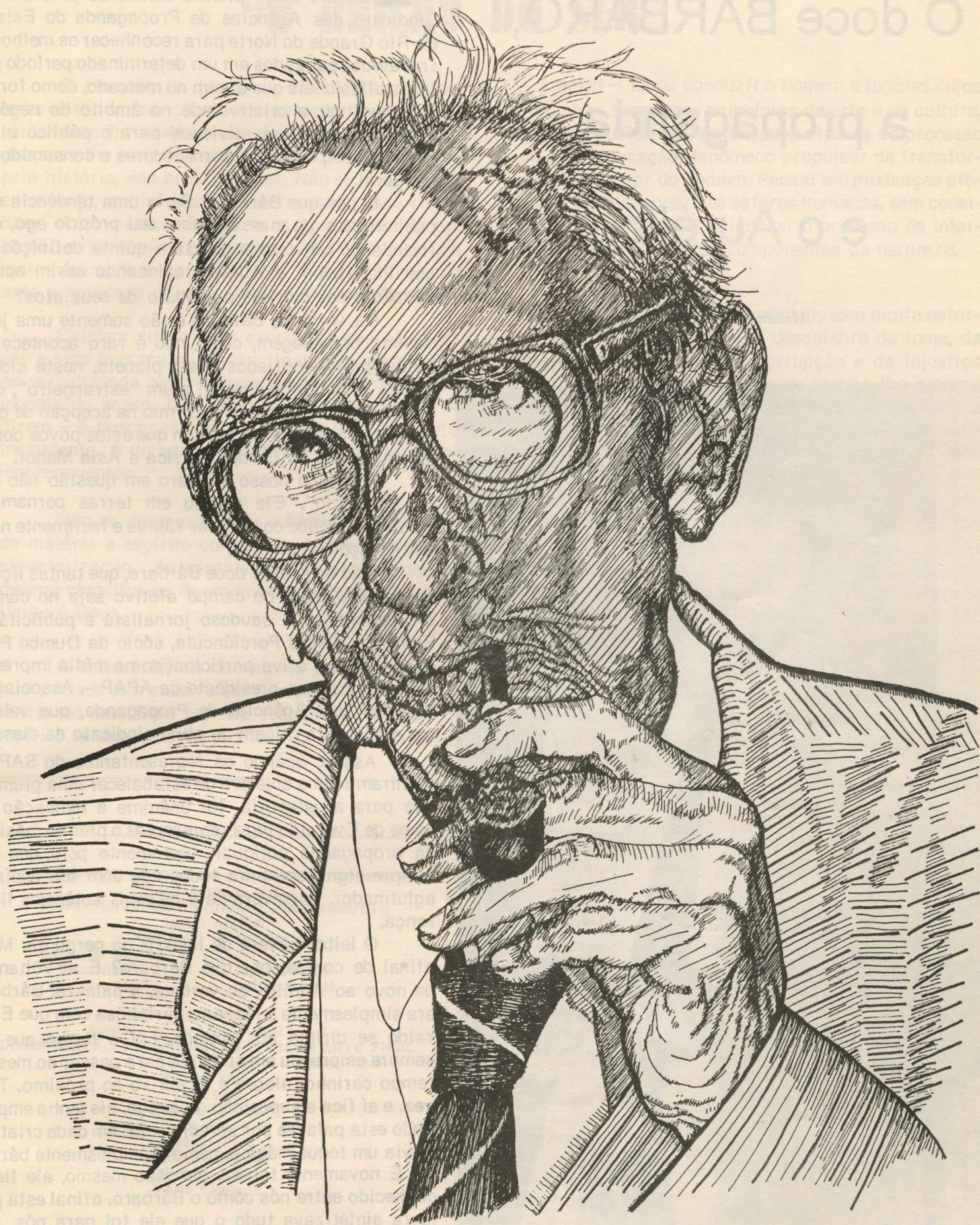
O bilhete terminava com uma advertência: "... mas os sexos não confunda/ eu sou João e não Ester/ não vá depois receitar-me/ a saúde da mulher". Chisquito, registra Celso, aviou um remédio e respondeu a consulta, também em verso.

Vereador e prefeito em Assu, a vocação de Chisquito, contudo, foi sempre a poesia. Quando indagado sobre o seu passado político, diz que construiu o prédio da prefeitura e o matadouro. Mesmo sem acompanhar as discussões políticas modernas, se confessa um republicano e presidencialista: "porque é um regime de mais amplitude".

Ao término do nosso encontro em sua casa, que teve a presença da editora de O Galo Auricélia Antunes de Lima, também assuense, o poeta preocupado pergunta ao filho se este deu a relação completa de todas as suas obras aos repórteres, só sossegando quando o filho insiste que já atendeu o seu pedido.

Depois desse encontro tenho avistado Chisquito, principalmente à noite, quando passo no caminho da casa da minha mãe, que mora na Gonçalves Lêdo, a uns 100 metros da casa do poeta. Sentado, olhar perdido, parece um monje trapista. Totalmente Zen. Totalmente demais!





O doce BÁRBARO, a propaganda e o Aurélio

Alexandre Macedo



Bárbaro é um prêmio instituído pelo SAP — Sindicato das Agências de Propaganda do Estado do Rio Grande do Norte para reconhecer os melhores trabalhos realizados em um determinado período pelos profissionais que atuam no mercado, como forma de incentivar a criatividade no âmbito do negócio e de divulgar essa atividade para o público alvo: Anunciantes, veículos, fornecedores e consumidores em geral.

E por que Bárbaro? Seria uma tendência dos publicitários de massagearem seu próprio ego, extraindo do adjetivo a quarta e quinta definições a que lhe atribui o Aurélio, colocando assim acima da média dos mortais o produto de seus atos?

Na verdade, Bárbaro é tão somente uma justíssima homenagem, como não é raro acontecer a tantos prêmios criados neste planeta, nesta aldeia global. É uma homenagem a um "estrangeiro", que é também o significado do termo na acepção de gregos e romanos aos tempos em que estes povos dominavam terras da Europa, África e Ásia Menor.

Afinal, o nosso Bárbaro em questão não era um "patrício". Ele nasceu em terras pernambucanas mas soube conquistar rápida e facilmente nossos corações e mentes.

Pois bem, esse doce Bárbaro, que tantas lições nos deixou, seja no campo afetivo seja no campo profissional, é o saudoso jornalista e publicitário Everaldo Gomes Porciúncula, sócio da Dumbo Propaganda, com ativa participação na mídia impressa e eletrônica e ex-presidente da APAP — Associação Potiguar das Agências de Propaganda, que veio a ser o núcleo, a origem do atual sindicato da classe.

Assim, quando os representantes do SAP se reuniram com o objetivo de estabelecer uma premiação para a categoria, foi unânime a indicação do nome de Everaldo para representar o prêmio máximo da propaganda potiguar, justamente pelo que ele sempre significou para todos nós com seu espírito aglutinador, perseverante e da mais autêntica liderança.

O leitor haverá de insistir na pergunta. Mas, afinal de contas, por que Bárbaro? E aí voltamos de novo ao Aurélio, ao verbete, à palavra. Bárbaro era simplesmente a maneira carinhosa com que Everaldo se dirigia aos amigos. Foi o termo que ele sempre empregou em sua vida para passar ao mesmo tempo carinho, elogio e incentivo ao próximo. Talvez, e aí fica a suposição do amigo, ele tenha empregado esta palavra por acreditar que em cada criatura havia um toque mágico, genial, simplesmente bárbaro. E novamente talvez, por isso mesmo, ele ficou conhecido entre nós como o Bárbaro, afinal esta palavra sintetizava tudo o que ele foi para nós, um doce Bárbaro.

Alexandre Macedo é publicitário e diretor da Briza Propaganda e Promoções LTDA.

“O BRILHO DO SER”

O Homem, ao longo de sua existência, tem se revelado um ser capaz de transcender limites, aparentemente intransponíveis, em dado momento. Tal processo lhe permite construir e reconstruir sua própria história, seu próprio saber. Não se pode negar, entretanto, ocorrências de retrocesso nesse caminho, cujos passos, às vezes se apresentam lentos ou não suficientemente firmes. É uma característica sintomática, deve-se reconhecer, de quem é limitado ante a grandeza da vida e dos mistérios cósmicos.

Existem filósofos e escritores que afirmam ser a vida humana, algo sem finalidade, sem razão de ser, dizendo constituir-se o homem em simples joguete do acaso. Dar finalidade à vida humana — dizem — é buscar num quarto escuro um gato-preto inexistente, é divagar e perder-se em misticismos inconsequentes.

Não se deve confundir o homem — ser misto de matéria e espírito com seres desprovidos desta caracterização. Acrescente-se outrossim, que o mesmo constitui-se de um projeto em ascensão, cujo limite é Deus.

A crise ética ou de valores por que passa a humanidade tem suas raízes no desequilíbrio da essência do ser. Este ser diz respeito à síntese do espírito versus matéria. A filosofia do ter — a ética

e amoral — tende conduzir o homem a lugares cujos caminhos fogem aos princípios da arte e da cultura, que só poderão ser legitimados através do processo da auto-educação, fenômeno propulsor da transformação interior do homem. Pensar em mudanças efetivas, em quaisquer das esferas humanas, sem considerar estas questões é ignorar o processo de inter-relação dos elementos componentes da natureza.

Qualquer um pode perceber, sem muito esforço e em escala universal, o descabimento da fome, da miséria, da violência, da corrupção e da injustiça sufocando o homem a ponto de roubar-lhe o senso de dignidade e colocá-lo no âmbito do egocentrismo onde os valores culturais, morais e éticos — predominantes e em ascensão — o conduzem para um caos imprevisível.

Diga-se, a bem da verdade, que tal situação é preocupante e clama por reflexão, sensatez, e acima de tudo, por AMOR. É isso mesmo: é preciso que o homem aprenda a amar com a razão e o coração, sob pena de mergulhar num túnel onde a luz provavelmente ainda não existe.

É possível que tal vexame seja evitado, porque o homem, apesar de tudo, permanece sendo um ser que brilha no universo da criação.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

José Agripino Mala

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

Iaperi Araújo

CONSELHO EDITORIAL

Celso da Silveira

Edna Duarte

Franco Jasiello

Iaperi Araújo

Deffilo Gurgel

EDITORIA

Auricéla A. de Lima — DRT-257

DIAGRAMAÇÃO, PROGRAMAÇÃO VISUAL E ARTE FINAL

Gilberto Alves

Falves Silva

REVISÃO

Rômulo Robson

João Bosco

Afrânio Pires

COLABORAÇÃO

Socorro Leite

Maria Eleonora

Redação: Rua Jundiá, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2938.

A editora de O GALO não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião desta revista.

Composição, Fotolitos e Impressão: Gráfica Manimbu — Rua Açú, 666-A — Tirol — Tel.: 221-2938

SUMÁRIO

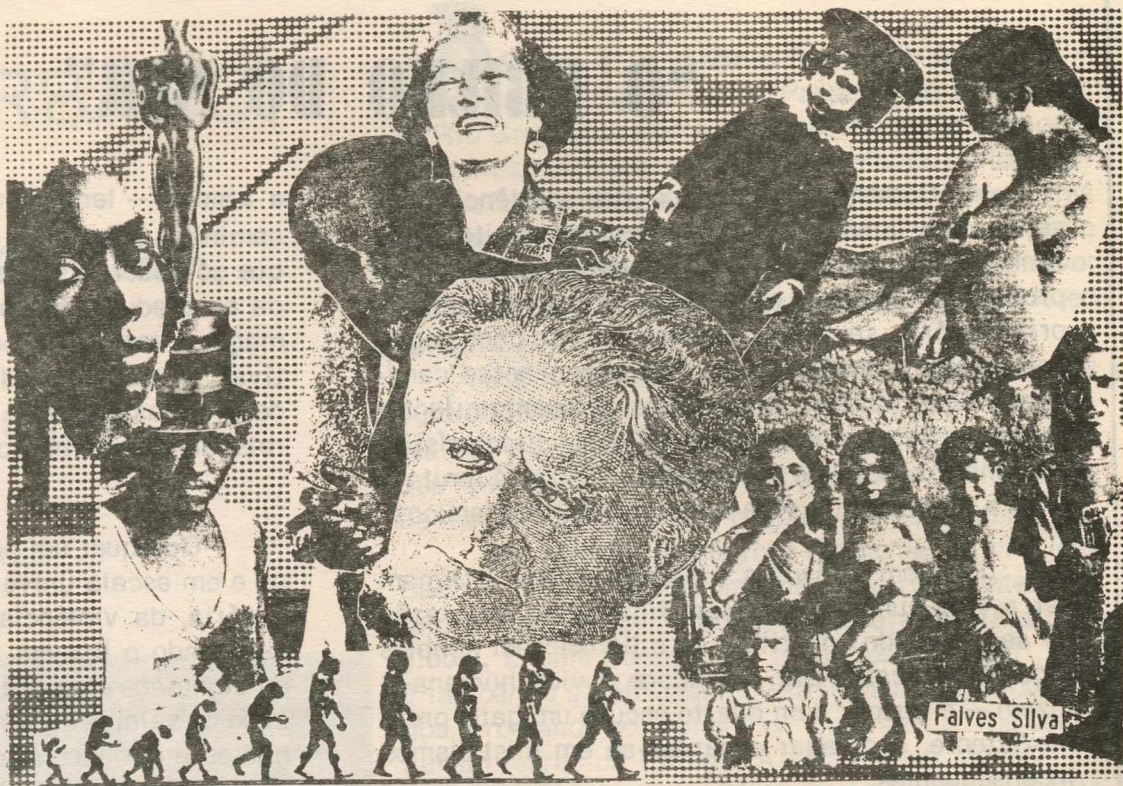
- 03 — Entrevista
- 06 — Publicidade
- 07 — Editorial
- 08 — Política
- 09 — Memória
- 10 — Educação
- 12 — Poesia
- 13 — Depoimento
- 14 — Comemoração
- 16 — Poesia
- 17 — Imprensa
- 18 — Literatura
- 21 — Projeto Cultural
- 22 — Comunicação
- 24 — Pesquisa
- 26 — Projeto Cultural
- 27 — Poesia
- 28 — Teatro
- 29 — O Galo Conta
- 30 — Cinema
- 31 — Crítica
- 32 — Academia de Letras
- 33 — História
- 34 — Cartas



CAPA — Gilberto Alves e Falves
FOTO CAPA — Carlos Santos

ENIGMA DO AMANHÃ

Cláudio Emerenciano



Falves Silva

O ato de sonhar e projetar o futuro é marca singular do ser humano. O amor, com seu caráter intemporal, excede aos limites dos sonhos, das grandes esperanças, porque lança o homem na perspectiva do infinito e do eterno. Renan, em sábia e original apreciação da natureza humana, dizia que a faculdade de sonhar dava ao homem fantástica capacidade para unir e amalgamar ficção e realidade, alegria e tristeza, sabedoria e instinto, criação e destruição. Mas a força do amor, uma dimensão universal, teve em Teilhard de Chardin o seu grande tradutor filosófico neste século.

A poesia fixou os limites da pureza estética. Ela e a música. Mas Teilhard de Chardin transpôs o conteúdo poético ao dar forma a uma elegia de amor e vida no universo. São a mesma coisa. Assim, o ato da criação, da vida e da renovação incessante da vida, é um ato de amor. Amar e sonhar, portanto, juntam-se, integram-se na condição do viver, sem dela poder dissociar-se. O homem, em qualquer momento de sua vida, do nascimento à morte, sonhará e amará. Subtrair o amor e o sonho ao homem é destruir sua essência, sua natureza. É subverter sua vocação e o seu sentido.

Um dos mais singelos cânticos do humanismo, neste século, em prosa, está em "Terra dos Homens". Diante do cenário de destruição e dor descortinado ao final da década de 30, Exupéry clama, implora, exorta e denuncia. Para ele Mozart, síntese da genealidade e da beleza, particularmente na infância, será

destruído. Por que? Porque a sociedade o liquidará. Com seus anti-valores e seu desamor. Essa eliminação traduz o ato de violentar, adulterar, inverter o sentido e a direção da vida do Mozart que está em cada um de nós. É Mozart sendo lançado na máquina que deforma, que enfeia e entorta os homens. Mozart é condenado a não ser ele mesmo. Conspurcam-lhe o ânimo e a vocação para amar e sonhar. Mozart deixa de ser homem. Converte-se numa versão torpe da miséria e da injustiça que grassam na sociedade.

Vivemos, no Brasil, triste e cruel circunstância de destruição do homem. Dos seus valores, de suas crenças, dos seus ideais. Não há como conter e disfarçar a indignação com a crise que infelicitos os brasileiros. O plebiscito se inseriu nessa conjuntura. O desânimo, o desalento, a desesperança, a indiferença, são apenas acordes de uma tragédia maior que atinge o país. A vida nacional exhibe, como nunca, as faces da miséria e do desespero. Conjugam-se os ingredientes de uma crise moral, política, econômica, ética, social e espiritual. Porque, infelizmente, imergiram a sociedade brasileira num pântano de mediocridade e obscurantismo, mesquinha e estupidez. Nunca estivemos tão distantes do que faz e do que é uma sociedade verdadeiramente organizada e substancialmente civilizada.

O brasileiro comum, tão exaustivamente estudado por Luiz da Câmara Cascudo e Gilberto Freyre, está perdendo suas características atávicas e sentimentais. Está sendo imolado e

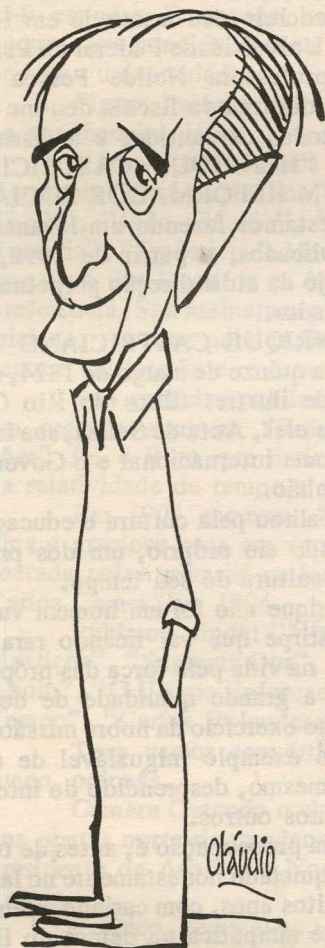
destruído. A crise o embruteceu. Retiram-lhe a faculdade de amar. A ele não é permitido antever nada de melhor em seu futuro. Senão apreensões, angústias, incertezas e sofrimentos. Negam-lhe o direito de amar, porque o cerca, a todo instante, a violência em todas as formas. Se amar e sonhar não é possível, como admitir que esse homem ainda acredita em alguma coisa?

Não sou cultor do pessimismo. Tampouco da intolerância. O que expresso em palavras poderia ilustrar com números e índices sobre a realidade brasileira. Especialmente sobre o Nordeste e o Rio Grande do Norte. E assim, tudo relacionando, realizar o exercício especulativo de como, após o plebiscito, imprimir-se legitimidade e eficácia às frágeis instituições brasileiras.

Os governantes brasileiros, como aqueles vetustos personagens de Hans Christian Andersen, perderam lucidez para identificar o que é óbvio e evidente. Será necessário, como no conto, que uma criança redesperte a consciência dos adultos, denunciando a nudez e a farsa dos que persistem em ignorar a destruição da dignidade humana neste país. Ainda há algum tempo. Resta pouco tempo para evitar o aniquilamento total, irreversível, do Mozart que ainda sobrevive em cada um de nós.

Cláudio Emerenciano é professor da UFRN e Auditor do Tribunal de contas.

SANDOVAL WANDERLEY QUE TRISTE MEMÓRIA



Na hora em que sou chamado a escrever sobre Sandoval, faço questão de colocar um título desses, mesmo arriscando chocar antigos admiradores, parentes e amigos.

Vão dizer com certeza:

— Que desgraçado, esse Jesiel!

Não faz mal. O carinho e o respeito que sempre senti pelo velho Sandó, dão-me o direito de ser sincero e de falar de coisas que nem sempre são agradáveis de se ver e ouvir.

Triste memória, sim.

Um estado, uma cidade, um país que não conhece seu passado, que não cultua seus mortos ilustres, que não reverencia agradecido, o caminho preparado por eles, tem uma triste memória.

Não adianta, na hora das comemorações oficiais falarmos apenas de “sweet memories”, como se elas fossem do conhecimento de todos, que hipocritamente vão aplaudir e “fazer minuto de silêncio”, muitas vezes “faturando” desonestamente dividendos, em cima de sua atitude “beatífica”.

Lembro de Sandoval, de meus infâncias de carreira. Existiam dois grandes nomes no Teatro local: Sandoval Wanderley e Meira Pires. Eu, menino tímido ao extremo, por obra e graça dos santos, não comecei com nenhum dos dois. Fui parar nos braços e na casa de Clarice Palma. No bom sentido, é claro. Clarice me acolheu, sentiu a minha verdadeira ansia por representar e me iniciou pelos caminhos difíceis dessa Arte, onde nunca paramos de aprender.

Clarice tinha suas mágoas das outras duas grandes “estrelas”. Sandoval tinha sido seu mestre, Meira — co-discípulo. Não trabalhava no Teatro Alberto Maranhão e, nós do “Clube dos Sete” — de Clarice — não podíamos frequentá-lo, para não ter nenhum tipo de contato, com os inimigos de nossa professora e amiga.

Mas o tempo se encarrega de tudo mudar. Deixei de trabalhar com Clarice, por desavenças artísticas, começo a frequentar o grande teatro e me inicio como diretor. Foi um escândalo. Meira Pires escreve longa crônica perguntando causticamente “quem eu era”.

A guerra é geral. No quente da batalha pela estréia como diretor, um lenitivo. Uma crônica de Sandoval Wanderley, dando às boas vindas ao grupo que se iniciava. A crônica foi lida na boca da cena, do Salão Paroquial do Alecrim, que anos depois, por obra do destino, se transformaria em Teatro Jesiel Figueirêdo — por Celso da Silveira, representante de Sandoval.

Para mim, era incentivo demais.

Sempre procurei conhecer mais profundamente as coisas. E mesmo menino, de pouco mais de quinze anos, eu já tinha idéia de sua importância. Nunca cheguei a trabalhar de ator dirigido por ele. Como maquiador fizemos juntos “Praieira de Meus Amores”, de Jaime Wanderley e “Revista Natal”, de sua autoria.

Nossos grupos eram rivais fervorosos. Quando comecei, Sandoval, que antes, lá pelos tempos do Grêmio Dramático e do Conjunto Teatral Potiguar, tinha feito o chamado “Grande Teatro”, encenando textos da importância, de “Quando Despertamos de Entre os Mortos”, de Ibsen, agora se dedicava mais a comédias fúteis ou melodramas, de sua autoria ou não.

Na minha imaturidade aquilo era perda de tempo. E eu procurava os grandes textos. Eram O’Neil, Camus, Faulkner, Sófocles, Shakespeare e dos nacionais Dias Gomes, Suassuna, Millôr e Nelson Rodrigues. Daí a desavença.

Mas a briga era dos grupos. O carinho que Sandoval tinha por mim refletia em tudo, do seu comportamento.

Eu tive o privilégio de travar de sua amizade, indo à sua casa para resolver problemas de Teatro, tomar café com ele e beber na fonte a História da política, da Imprensa e do Teatro, do Estado.

Sandoval era todo generosidade. Tanto foi, que alguns dos pseudo atores de seu grupo sugavam-lhe os últimos tostões, para que pudesse contar com eles nos espetáculos. Nunca me falou disso, como um cavalheiro que era, mas todo mundo comentava. E era feio, pelo menos para a época. Até então se fazia Teatro Amador, em Natal. Mas AMADOR mesmo. Muitas vezes tínhamos que providenciar nosso próprio figurino, para entrar nos espetáculos. Constituía então pecado mortal, para nós puristas, que alguém “se vestisse” às custas do Teatro.

Mas Sandoval realizava. Não falava, fazia. Cinco peças montadas num ano. Era tanto trabalho e tão poucos colaboradores verdadeiros, que certa vez fui assistir a um seu espetáculo e ele tinha esquecido de comprar o material de maquiagem... E daí a duas horas abria o pano. Com toda a sua classe, me falou do fato, sem abalar. Parece que previa que a maquiagem viria a ser coisa de importância menor, no futuro.

Tranquelizei-o, peguei um carro, fui em casa buscar meu material e fiz a maquiagem do elenco. Mas não era favor. Sandoval colocava seu acervo ao dispor de quantos fizeram Teatro, em seu tempo. E era um enorme depósito de cenários com praticáveis, escadas, gabinetes completos, que ele generosamente nos cedia, sem medo do prejuízo.

Ainda teria muito a dizer sobre Sandoval. Muito mesmo. Mas termino por registrar a necessidade, em nosso Estado, de todos tentarem resgatar nossa memória. É uma riqueza tão grande, que fará falta na formação das novas gerações. É preciso que a meninada de hoje saiba quem fez e como fez as coisas, para que não pensem que o mundo começa a partir deles e com isso fiquem mais pobres.

Jesiel Figueirêdo
Encenador Teatral e Teatrólogo

Henrique Castriciano de Souza

* JOSÉ GERALDO DE ALBUQUERQUE



A Escola Doméstica de Natal foi meu grande incentivo à pesquisa da obra castricianiana. Ensinava naquela modelar instituição de ensino à época que deveria escrever uma dissertação para concluir meu mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco.

A professora Noilde Pessoa Ramalho, magnânima diretora da Escola deu-me o decisivo apoio em todos os sentidos e a dissertação foi defendida: "HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA (UM REFORMADOR SOCIAL)", e, no momento, estamos fazendo um levantamento de artigos publicados, a partir de 1892, uma vez que, é desejo da atual direção perpetuar a memória do fundador.

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA nasceu a quinze de março de 1874, em Macaíba, berço de ilustres filhos do Rio Grande do Norte, entre eles, Auta de Souza, sua irmã, escritora de renome internacional e o Governador Alberto Maranhão.

Trabalhou pela cultura e educação do seu Estado, sendo ele próprio, um dos prestigiosos homens de cultura de seu tempo.

Henrique não foi um homem vulgar. Pertenceu à estirpe que vai ficando rara, dos que se projetam na vida pela força das próprias virtudes. Tinha a grande qualidade de desconhecer vaidades e no exercício da nobre missão que abraçara foi um exemplo inigualável de altruísmo, e, por isso mesmo, desprendido do interesse sórdido de muitos outros.

A sua preocupação é, antes de tudo, zelar o nome conquistado honestamente no labor incessante de muitos anos, com carinho, além da atitude altamente simpática na defesa do Bem Estar de sua comunidade.

Henrique nunca gozou de boa saúde. A imagem de física é inarredável do espírito. Dizia em 1897, no poema "Ao meu Chapéu".

"Devo deixar-te, pois...
Entre os negros abrolhos deste mundo
Estúpido e maldoso
Que faremos nós dois;
eu, tuberculoso,
E tu manchado, quase roto, imundo?"

É indispensável para conhecer a pessoa de Castriciano, analisar, a "página inédita do autor", escrita no álbum de D. Maria Madalena Antunes Pereira; eis algumas passagens dessa composição literária:

"O esquecimento é o nada. Entre o passado que se foi, levando para o desconhecido, alegrias e mágoas, e o futuro, que não se penetra, eis o rio cujas águas dão ouvido. Somente o paganismo, a religião da força, seria capaz de gerar um sonho desses. — À margem do Jordão, o espírito quer esquecer e não pode. Eu, pelo menos não pude..."

Henrique era um contemplativo. Sobre o Jordão, um doce misticismo lhe invade a alma. É um canto de quem volta a si mesmo, uma liturgia do poeta itinerante, que tem ali a lembrança feliz de sua vida. Ele cultivou muito a solidão. Lá dentro meditava o monge. Não se entregava logo à conversa fácil e arrebatada. Talvez fosse melhor seguí-lo na rua do que procurá-lo em casa. E contudo, havia nele uma imensa doçura. Era humilde. Nunca se fez mestre e valia por uma universidade.

Figura humana extraordinária, era único na sua maneira de ser.

Vários pseudônimos foram usados por Henrique: "José Capitulino", "Mário do Valle", "LEX", "João Cláudio", "José Bráz", "Rosa Romariz", "Frederico de Menezes", "Y", "Erasmus Van der Does" e as iniciais H.C., de sua preferência. Sua assinatura predileta era, H. Castriçiano. As suas publicações eram feitas quase sempre em jornais e revistas.

Sua primeira publicação foi "Traições", em seguida escreveu "Ruínas", mas, "Vibrações" foi o livro que mais contentou o poeta na relatividade do tempo e meio.

Em 1904 escreveu "Promessa", pequenina e graciosa peça em versos, num ato, representada pelas crianças na inauguração do teatro Carlos Gomes, em 1904.

Publicou ainda: "Mãe", "Estátua", "Os Mestiços", "Suprema Dor", "O Engeitado", "O Aboio", "O Último Enforcado", "Lourival e seu Tempo", "Cartas Holandesas", etc...

Teve versos convertidos para o francês, sueco, polonês.

Câmara Cascudo o classifica de "príncipe dos poetas norte-riograndenses". Foi o primeiro presidente da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Político, dedicou-se Henrique a três obras fundamentais que imortalizaram a sua passagem pela vida pública do Rio Grande do Norte: a Liga de Ensino, A Escola Doméstica e o Escotismo.

Vice-Governador por duas vezes, nos governos de Joaquim Ferreira Chaves e Antônio José de Melo e Souza, foi um governante sem problemas e que não os criou aos seus companheiros executivos.

Educar é a vocação de Henrique Castriçiano. Nascera para professor, chegara mesmo a exercer o magistério particular. Lecionou "Edu-

cação Social", de 1919 a 1923. Curso que criou, organizando um programa especial em 17 temas, é um documento excepcional, atendendo-se tempo e ambiente. Dará como nenhum documento o testemunho da mentalidade, tendência, visão, a meta educacional por ele almejada.

Se para a educação feminina, ele fundou a Escola Doméstica, para a educação masculina foi o pioneiro do Escotismo em nosso Estado.

Nilo Pereira em um discurso pronunciado no salão nobre da Academia Norte-Riograndense de Letras, no dia quinze de março de 1974, data do 1º centenário do nascimento do poeta, dizia:

"Quase tudo em que tocou, deixou inacabado, menos a Escola Doméstica".

Depois da Escola Doméstica tudo o mais viria por acréscimo. Só a Escola o tomou todo inteiro, numa iniciativa arrojada. Com efeito Henrique Castriçiano realmente sintetizou nessa magnânima obra o seu mais belo ideal.

Os ensinamentos ali ministrados ultrapassariam fronteiras nacionais, como exemplo do seu idealismo e sua pertinácia.

A educação da mulher, segundo Henrique Castriçiano, deve visar, principalmente, fortificar, instruir. Preparar-lhe o espírito, para que, no lar ou fora dele, saiba guiar-se nos caminhos da vida, exercendo também a salutar e benéfica influência, que direta ou indiretamente, tanto se faz sentir na vida social.

Era a Escola Doméstica, uma grande obra que não apenas o Rio Grande do Norte, mas o Brasil ficava a dever ao idealismo e a ação prática de Henrique Castriçiano.

A Escola Doméstica de Natal, representa o esforço seguido e a dedicação vigilante de um grupo de conterrâneos desde muitos anos em dotar o Rio Grande do Norte de um educandário modelar destinado à formação de donas de casas. Num Estado pequeno e pobre, onde como em tantos outros do Nordeste, os métodos pedagógicos, considerada a distância do tempo, estavam circunscritos ao ensino das matérias rudimentares dos cursos primários e secundários, o ensino doméstico surgiu como uma fantasia de poeta retornando de uma curta viagem à Europa, portador de idéias inadaptáveis ao nosso ambiente intelectual e social.

A Escola permitiu à juventude feminina deixar aquele hábito de burguesia em não valorizar os trabalhos caseiros e dar uma outra conotação, conciliando o trabalho físico ao mental de uma tal maneira que a sua criação veio a ser um evento revolucionário no âmbito educacional.

* O autor é professor da UFRN
Sócio efetivo do IHG do RN.

DAILOR VARELA

Três poemas escritos no último verão natalense

Para Tereza Braga

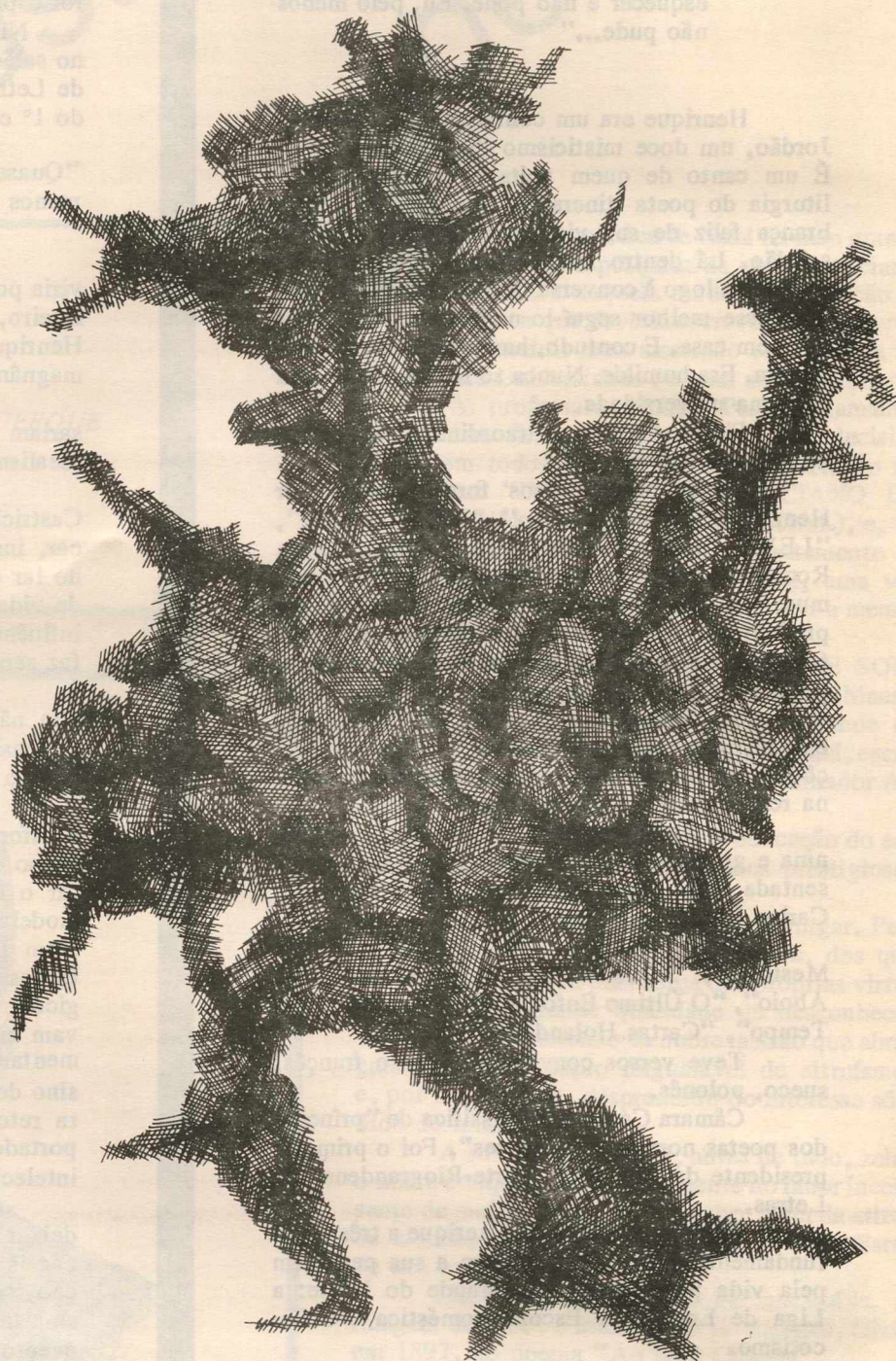
O mar que se avista
do alpendre da tua casa
é canavial paraibano,
trilha de sonhos e lutas
que o silêncio dos peixes
guarda como afiado facão
Visto de longe, esse mar
é cristal verde-azul
rota de cubanas áfricas
potyguares marés
que se derramam calmas
no copo dos teus amigos.

Para Dinorah

Traços varelas ti fazem
irmã no sangue que alimenta
o sol nosso de cada dia.
Caminhamos juntos pelo
álbum desbotado das histórias
de família.
Nosso silêncio é pacto
amoroso
Bem querer além do sobrenome
com que nascemos,
filhos do mesmo ventre mãe.

Para Berenice

Há um mar natalense
nos teus olhos que habitam
campos de Nicarágua,
geografia distante
de terras minadas
e mimadas pela mãe
pátria América Latina.
Natal é mais do que cartão
postal no teu quarto latino.
É saudade líquida que se
derrama no canto do povo.



PROGRAMAÇÃO VISUAL
Falves Silva

O sonho da Fundação José Augusto

Aluizio Alves



Até o meu Governo, o Estado não tinha uma política cultural. As raras atividades desse setor eram atribuídas à Secretaria de Educação, que, com as tarefas próprias e os encargos dos convênios com a Aliança para o Progresso, não dispunha nem de tempo, nem de recursos para promover estímulos à cultura.

Dei o primeiro sinal dessa preocupação quando realizei, na Lagoa Manoel Felipe, que transformei em espaço cultural da época, o 1º Festival do Escritor Norte-Riograndense. Trouxe conterrâneos residentes em vários Estados para lançarem aqui os seus livros, até então desconhecidos. Trouxe escritores nacionais para prestigiar o evento e atraírem o público que, certamente, não viria para ver escritores desconhecidos. Jorge Amado foi a principal estrela do festival.

Mas, era necessário ter uma política cultural permanente e os instrumentos para criá-la e estimulá-la.

Com Hélio Galvão, que, além de jurista, era um grande escritor, estruturei a Fundação José Augusto, que, sem as exigências burocráticas da administração direta, poderia exercer essa tarefa. Para não depender de recursos orçamentários, sempre escassos, procurei outras fontes de financiamento do trabalho. Nesse tempo, o Estado não dispunha, como a partir dos últimos anos, de participação nos impostos federais — IR e IPI. No meu Governo, a produção agrícola era isenta do imposto, que foi o primeiro ato da administração de 1961. Vinculei, então, os rendimentos das ações da Petrobrás, que representavam valores relativamente altos.

À Fundação José Augusto caberia, além de ações culturais da maior amplitude — desde as semanas de jazz, de pintura infantil, até a estruturação do Instituto Juvenal Lamartine, que pretendia fosse uma réplica norte-riograndense do Instituto Joaquim Nabuco, para pesquisas, realização de seminários, acompanhamento de nossa vida social, econômica e política, e a Escola de Jornalismo Eloy de Souza que não deveria ser um simples curso de comunicação, mas, o instrumento de formação de comunicadores que conhecessem o Nordeste e pudessem levar, para a imprensa local e a do sul, para a qual boa parte se deslocava, a preocupação e a visão do nosso drama e das nossas perspectivas. Na Fundação, puzemos também a Faculdade de Sociologia, particular, que encampamos para que não fechasse, entregando-a a Edgar Barbosa, e a Escolinha de Arte Cândido Portinari, confiada a Newton Navarro.

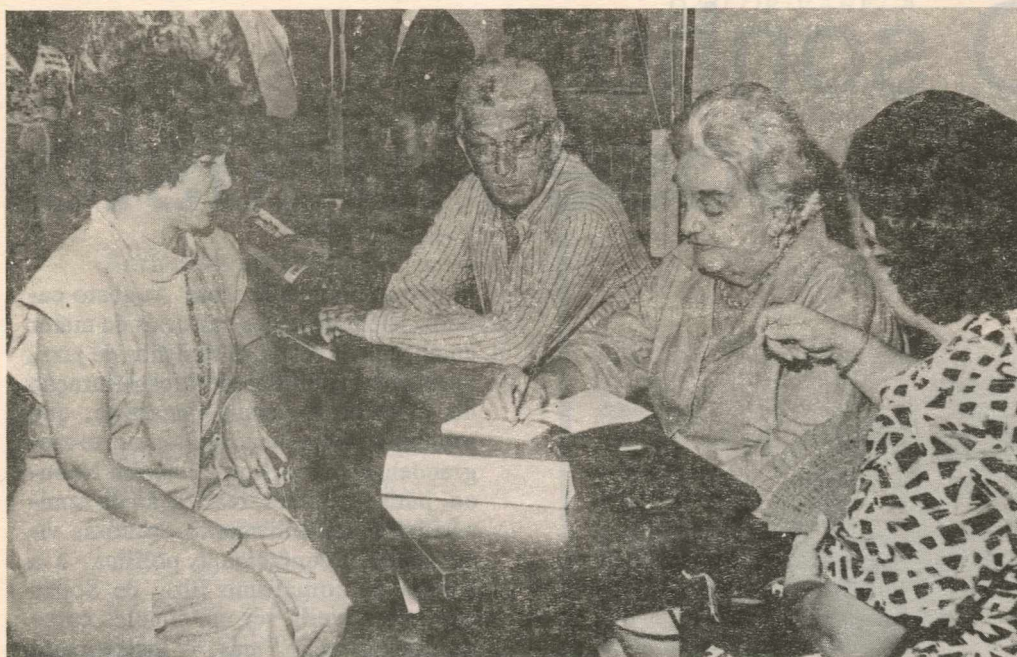
Começamos, então, a formação de recursos humanos para os vários setores. Iniciamos a edição de livros há muitos esgotados, como os Ferreira Itajubá, Palmira Wanderley, e outros, e já encomendávamos livros com a história de todos os Municípios, continuando a série que iniciaremos, em 1943, através de uma iniciativa particular — a “Biblioteca de Vitoria Norte-Riograndense”. Adquirimos a gráfica necessária a essas atividades.

Várias transformações sofreu a Fundação José Augusto, após o trabalho inicial do meu Governo. À Universidade Federal foram transferidos a Escola de Jornalismo, seu atual curso de Comunicação, e a Faculdade de Sociologia. O Instituto Juvenal Lamartine perdeu seus objetivos iniciais.

Não me foi possível acompanhar o trabalho da FJA, a não ser nas gestões Cláudio Emerenciano e de Woden Madruga, que, sem maiores recursos, puderam realmente restaurar o sentido e o prestígio que Hélio Galvão e Hilma Melo tentaram imprimir, na fase inicial.

Mesmo assim, participo da comemoração desses 30 anos de vida da Fundação José Augusto, na expectativa de que nenhum interesse menor possa fraudar o sonho para cuja realização ela foi criada.

Aluizio Alves é Deputado Federal e ex-Governador do Estado do R.N.



Escritora Lair tinoco autografa na noite de lançamento.

F.J.A - 30 anos

O Presidente da Fundação José Augusto, Iaperi Araújo, falou ao Galo sobre os 30 anos da Instituição, os projetos em perspectiva e a atual conjuntura sócio-cultural.

Disse que: "Só se consegue descortinar os caminhos do futuro com o olhar crítico, de forma a que seja uma lição e um aprendizado".

O GALO: Faça uma análise dos 30 anos da Fundação José Augusto.

IAPERI: A Fundação José Augusto foi criada em 1963, com a finalidade de ser uma entidade de ensino superior, para cobrir espaços da Universidade do Rio Grande do Norte, criada dois anos antes, constituída pelas Faculdades de Engenharia, Medicina, Odontologia, Direito e Serviço Social, as chamadas grandes áreas do conhecimento humano. O Governo do Estado para respaldar os cursos de Sociologia, Política e Jornalismo criou a Fundação José Augusto, sob orientação do Dr. Hélio Galvão.

Posteriormente, com a incorporação desses cursos pela Universidade, a Fundação perdeu esse caráter de instituição de ensino superior, apesar de já ter um Instituto de Pesquisa Juvenal Lamartine, cuja criação é anterior a da própria F.J.A., e que realizava pesquisas na área de história, indústria e pesquisas de mercado. A partir daí a Fundação teve que tomar um novo rumo, desta vez, como uma Instituição gestora da política cultural do Estado.

Teve uma fase na década de 70, que a Fundação gerenciou um programa de formação de Executivos para o desenvolvimento, resultando no atual Centro de Recursos Humanos. A Fundação José Augusto, nesses trinta anos, desenvolveu uma Política,

altamente produtiva para a cultura do Estado. Se contar somente nas áreas de editoração de livros e na de restauração e tombamento do patrimônio, só isso justifica seu trabalho e atuação na Sociedade. Câmara Cascudo teve mais de dez títulos de livros editados pela F.J.A. Também Hélio Galvão, Juvenal Lamartine, José Augusto Bezerra de Medeiros, Américo de Oliveira Costa, Otto Guerra, Olavo Medeiros Filho, Peri Lamartine, nomes de peso na cultura do Rio Grande do Norte, foram editados pela F.J.A. Não só através da Gráfica Manimbu, mas através de co-edições com as Editoras Presença, Cátedra, Clima, Instituto Nacional do Livro e Vozes, o que facilitou a distribuição dos livros perante as livrarias do Brasil.

Com relação à política de tombamento e restauração do patrimônio histórico, somente o trabalho na fortaleza dos Reis Magos justifica o que foi feito.

Além disso, o frontão do Cemitério de Arês, o Palácio do Governo, o Sobradinho, que hoje é o Museu Café Filho, o Memorial Câmara Cascudo, a Igreja Matriz de São Gonçalo, o Convento de Santo Antônio em Natal, são exemplos da atuação da F. J.A.

A restauração do Solar do Ferreiro Torto em Macaíba, resgatou praticamente dos escombros um dos mais belos exemplos da arquitetura colonial do Estado.

De maneira geral, é altamente positivo um balanço que se faça da presença da F.J.A na cultura do Estado do Rio Grande do Norte, apesar dos altos e baixos, dependendo do aporte de recursos e da política dos governos estadual e federal privilegiando mais ou menos a cultura.

O GALO: Estudos revelam que as pessoas não estão lendo. A que o senhor atribui esse fato?

IAPERI: Atribuo a falta de hábito de leitura, à mudança nos hábitos sociais com a presença da televisão, que é muito mais fácil de assimilar e exige menos da pessoa como telespectador. A leitura exige um esforço visual, uma interação e compreensão da mensagem escrita.

Lógico que não se pode atribuir somente a televisão esses hábitos porque muitas vezes, há exemplos de lucidez com o aproveitamento de bons textos de escritores nacionais como Guimarães Rosa e Jorge Amado. A deficiente política cultural esta inversão, habituando o povo a facilidade da leitura televisiva, que é uma mera leitura de imagem.

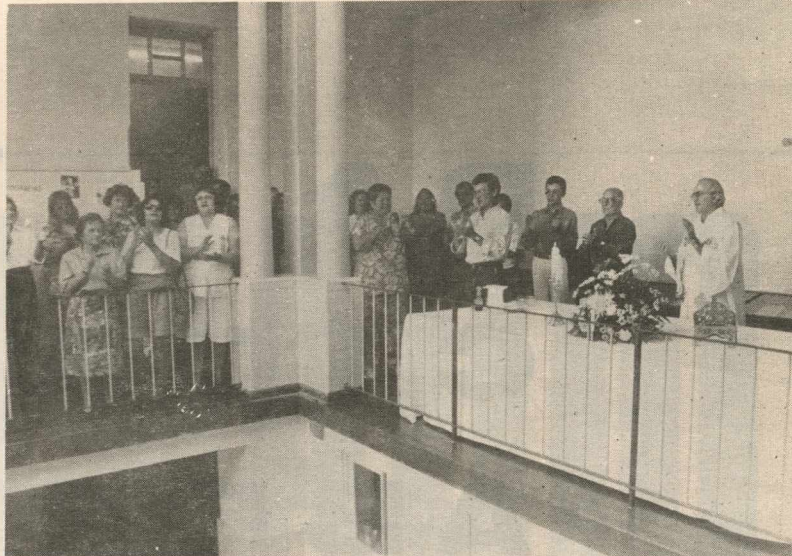
Na própria evolução do homem, a visão da imagem precede a visão da letra. A imagem você interpreta imediatamente, a letra você tem que juntar. Basta observar-se a dificuldade que a criança tem quando se alfabetiza. O homem primitivo primeiro aprendeu com a imagem, para depois aprender com as letras. Há falta de uma política de estímulo à leitura, apesar do "pró-ler". Há deficiência de pessoal capacitado nas bibliotecas municipais, apesar de nós termos uma rede que abrange todo o Estado.

Infelizmente, o pessoal que toma conta das bibliotecas da rede municipal, não tem muito estímulo. Geralmente são mal pagos e recebem poucas informações a nível central. Nós estamos tentando corrigir isso através do fortalecimento do "Sistema Estadual de Bibliotecas", com treinamento de pessoal e supervisão e ampliação do acervo de livros, continuamente. É com essa política, com incentivos, com treinamento de pessoal, com melhor remuneração dos responsáveis pelas bibliotecas que desejamos ter uma política de leitura incentivada. Não existe povo nenhum no mundo, que se desenvolveu sem o hábito da leitura. Que é básico na formação da personalidade do indivíduo e na mudança da sua condição para a busca de caminhos que possam melhorar sua vida.

O GALO: No seu entender, qual a previsão para essa geração que não está lendo? Passamos por um momento econômico muito difícil. As pessoas não têm condições de comprar livros. Qual a saída para a leitura?



Foram lançados títulos de vários autores brasileiros.



Padre Jaime - celebrou a missa dos 30 anos da F.J.A.

IAPERI: Sabemos que o livro é muito caro. Cultura é um investimento alto e pesado para um governo. É preciso que as pessoas modifiquem a idéia do resultado imediato. Investir pensando em colher logo. Não se pode ter o resultado amanhã. O resultado chega após gerações. Mas existe a idéia de popularização da leitura. Incentivá-la começando dentro das escolas, com os professores, com os Nures, as Secretarias de Educação determinando que os professores orientem os alunos a buscarem as bibliotecas municipais.

Porque também sai do monótono que é a sala de aula, o giz e o quadro-negro e passa a um ambiente novo, onde o aluno vai descobrir os caminhos da leitura.

É uma forma de incentivar o hábito da leitura, criando-se os clubes do livro e com os grupos de Escoteiros, grupos de jovens e grupo de idosos. O "Sacolão da Leitura" que nós estamos formalizando vai para esses grupos, porque sabemos que com isto nós estamos investindo, não para hoje, mas para o amanhã.

O GALO: E a produção nacional do livro, ela está voltada para a qualidade do conteúdo ou a preocupação maior está sendo com a venda do produto?

IAPERI: Infelizmente a editoração de livro a nível nacional não está privilegiando nem a qualidade, nem a quantidade. Qualidade porque não se pensa em editar, por exemplo, um Lufs da Câmara Cascudo ou outro nome da base da cultura nacional. As editoras têm pouco interesse em publicar, "Civilização e Cultura", que é um livro de uma erudição profunda. Como é "História da Alimentação do Brasil", "Superstições e Costumes", "Lendas Brasileiras", "Folclore Brasileiro", "Literatura Oral" e outros tantos. As editoras não têm interesse porque querem um resultado imediato. Qual é o resultado imediato? Publicar um livro de Pedro Collor, porque conta os escândalos de Brasília. Eles editam, e

esgotam edição de 30 mil exemplares rápido. Veja o livro de Cláudio Humberto, de Zélia Cardoso e outros mais. A literatura nacional está vivendo as custas de escândalos, mas a literatura de base, aquela literatura de importância, que deixa um resíduo para a cultura do povo, está pouco privilegiada, porque não é comercial. Machado de Assis, por exemplo, continua reeditado porque as Universidades adotam como livro texto para os vestibulares. Então, tem saída comercial, e em edições populares, dão lucros.

O GALO: Os Estados brasileiros estão sem recursos para manterem as Orquestras sinfônicas Estaduais. Quais os obstáculos existentes nessa área?

IAPERI: O Rio Grande do Norte tem Orquestra Sinfônica de bom nível com uma plateia praticamente assegurada e cativa. O projeto de concertos educativos tem funcionado excepcionalmente bem. E a própria Secretaria de Educação, que tem uma Oficina de Música, na Escola Anísio Teixeira, também desenvolve um trabalho dentro das escolas, fruto dessa experiência. Manter uma Orquestra Sinfônica custa alto para o poder público. Os músicos precisam ganhar bem para se dedicarem ao estudo e a execução de peças e somente se consegue uma boa orquestra com bons músicos, e a competitividade no mercado de trabalho faz elevar o nível salarial.

Temos dificuldades em financiar seu funcionamento, mas com esforço e trabalho, com dedicação e criatividade, principalmente de sua direção, temos conseguido bons resultados.

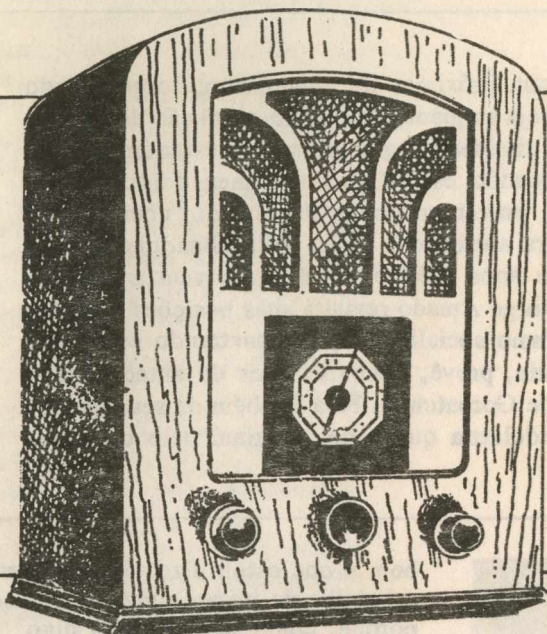
O GALO: Fale sobre as perspectivas da Fundação

IAPERI: Ela tem cerca de 14 instituições vinculadas, entre bibliotecas, institutos, museus, escolas e teatro. Isso faz com que busquemos definir uma prioridade de ação para que os recursos não sejam desperdiçados. haja vista o Museu de Aviação e II Guer-

ra Mundial, que será um memorial servindo tanto a cultura quanto a educação e ao turismo. A recuperação da Cidade da Criança, um centro de cultura e lazer, resgatado para Natal; a construção do Memorial de Nísia e a recuperação da antiga Estação Ferroviária de Papari, para ser um Centro Cultural; o Memorial do Marco de Touros; a recuperação dos casarões da Junqueira Aires e Rua Chile e a implementação do sistema estadual de Museus, buscando também um plano editorial com a atuação de recursos para a execução de um projeto de edição de livros. Pretendemos que as ações da F.J.A sejam estendidas a comunidade, aos municípios, ao interior, com a presença de exposições, de oficinas, de atividades que tenham um efeito multiplicador. Realizar mero evento, sem ter efeito de resíduo para a comunidade, não é a função do Governo do Estado. Temos que realizar alguma coisa que fique para a comunidade. Para julho, estamos promovendo um Festival de Artes em Martins. Não será uma mera exibição de grupos de Natal e que a comunidade vá assistir estática. Mas um Festival com oficinas de teatro, música, dança, cinema. E que a comunidade depois possa aproveitar e criar. Nós vamos incentivar os produtores culturais da comunidade. Pessoas que tenham habilidades e que nunca tiveram oportunidades. O poder público não cria, ele estimula, ele dá a ocasião, dá espaço. Esse espaço é o estímulo que nós queremos dar com o trabalho permanente através das bibliotecas, as Bancas Culturais, e o Sistema Estadual de Museus, e esse sistema vai ser fortalecido para que a gente se conscientize de que a memória do povo é importante para aprender as lições da história. E você só consegue descobrir os caminhos do desenvolvimento e do progresso quando aprende as lições da história dadas por experiências anteriores e pelo passado. Só se consegue descortinar os caminhos do futuro com o olhar crítico, que seja uma lição e um aprendizado.

**DA
CICATRIZ
ABERTA
NA LETRA
APALAVRA
BROTA
INDIGENTE
PEM
FORMID
O**

FRANKLIN CAPISTRANO



O RÁDIO

* José Ayrton de Lima

Há 70 anos o rádio chegava no Brasil através das mãos de Roquete Pinto, quando instalou a primeira emissora de rádio no Rio de Janeiro, com a finalidade de transmitir a parada militar do dia 7 de setembro de 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil.

Más, foi a partir de 1931, que o Brasil iniciava a era da comunicação de massa, com a profissionalização do rádio, já que as emissoras instaladas em 1923, como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Rádio Club do Paraná, de Pernambuco, de São Paulo e Ribeirão Preto foram de caráter amadorista. Destas emissoras de rádio, a Club de Pernambuco sobreviveu, e hoje, é a mais antiga emissora de rádio em atividade na América Latina.

Na época da profissionalização do rádio se deu a introdução das primeiras publicidades radiofônicas, como surgiram os primeiros ídolos do rádio como Alzerinha Camargo, Francisco Alves, o "rei da voz", Silvinha Melo, Mário Reis, Dalva de Oliveira, que antes pertenceu ao Trio de Ouro, que tinha Eriveto Martins e Nilo Chagas. Estes cantores surgiram nos programas de auditório, como de Ademir Casé, Horas de Outro Mundo de Renato Murce, além de Walter Abreu outro grande animador.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro foi a emissora que mais revelou artistas, como dominou a audiência não só no Rio, mas em todo o Brasil.

Foi Assis Chateaubriand responsável pela primeira rede nacional de rádio difusão no Brasil, com as instalações da rádio Tupi do Rio e a Difusora de São Paulo, depois denominada de rádio Tupi de São Paulo. Quando veio falecer, ele era proprietário de uma ou mais emissoras em cada capital brasileira.

O rádio foi responsável pela primeira grande exportação do mundo artístico, Carmem Miranda para os Estados Unidos, na década de 30.

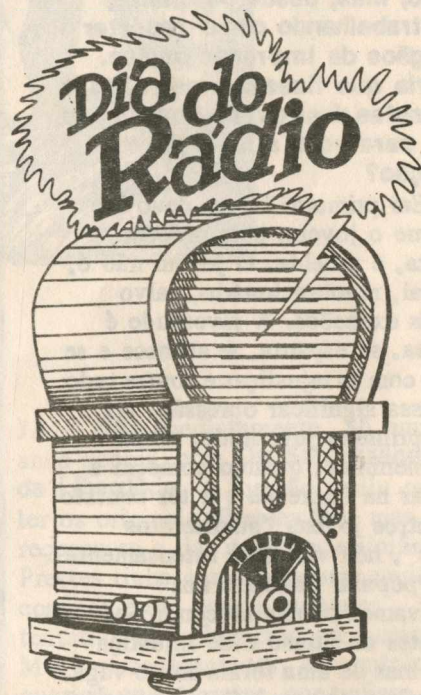
No início dos anos 40, o rádio colocava no ar, a grande novidade, as famosas rádio-novelas, que mais tarde foi copiada pela televisão, dando início o ciclo das telenovelas. As grandes novelas do rádio foram Escrava Isaura, O Direito de Nascer e o Ébrio, que foi uma adaptação do Teatro para o rádio.

Nesta mesma época o rádio iniciou o rádio humorístico, e o seu primeiro grande humorista foi Mazaropi, seguido de Zé Trindade e Grande Otelo. Estes artistas depois ingressaram no Cinema, contratados pela Vera Cruz e Atlântica.

A rádio Maring Veiga foi a primeira emissora brasileira a colocar no ar, no horário das 20 às 23 horas, uma série de programas humorísticos. Entre estes programas, teve um que nasceu na Maring Veiga e depois foi transferido para a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, "Balança Mais Não Cai", que foi a grande sensação no Brasil na década de 30.

O rádio esportivo começou com Ari Barroso na década de 30, sendo responsável pela primeira narração esportiva, que foi do Estádio das Laranjeiras entre o Fluminense e o antigo clube carioca Paisandu. Ele era torcedor fanático do Flamengo e tornou-se conhecido nacionalmente pelo motivo de usar uma gaita que tocava, antes de anunciar o tempo do jogo.

No Rio Grande do Norte, o rádio chegou em 1940 com a instalação da Rádio Educadora de Natal-RN, que depois de ter sido adquirida por Assis Chateaubriand, passou a ser denominada de rádio Poty.



O rádio foi responsável pela introdução de algumas palavras inglesas no nosso dicionário como "hello" (alô), speaker (locutor) e broadcast, que significa quadro de profissionais do rádio.

A partir da primeira emissora de rádio em 1922 até o início da década de 60, o rádio dominou os meios de comunicação de massa no Brasil e somente em 1970 com a popularização da televisão, o rádio veio a sentir abalo, mas mesmo assim, continua sendo o meio mais rápido para que as informações possam chegar a qualquer parte do Brasil, até onde não existe energia, graças ao rádio portátil.

* José Ayrton de Lima é jornalista.

JORGE AMADO: O COMUNISMO PASSADO A LIMPO

Entrevista concedida

a Eduardo de Assis Duarte *

Entre os escritores brasileiros que um dia estiveram próximos do comunismo, Jorge Amado é dos que sempre ocuparam posições de destaque seja enquanto verdadeira tradução do partido em seu tempo de militante seja na postura de dissidente, que passou a ostentar quando vêm a público os crimes de Stálin. Em 1988, quando estava cursando meu doutorado em São Paulo, consegui, depois de várias tentativas, gravar um longo depoimento com o autor de Terras do Sem Fim. Meu propósito inicial era anexá-lo à tese, idéia abandonada mais tarde por diversas razões. O material ficou estes anos inédito e só agora vem a público, assim mesmo em parte. No trecho que se segue, Jorge Amado revisita suas posições políticas da juventude, faz um julgamento severo do realismo socialista, e, demonstrando estar com seus ponteiros acertados com o relógio da História, prevê, com três anos de antecedência, os acontecimentos que culminaram com a queda de Gorbatchev. Fala também de seus amigos Aragon, Picasso e Lukács, além da verdadeira idolatria que todos nutriam pelo camarada Stálin. Vale a pena conferir.

EAD — Em 1917 você tinha cinco anos de idade. Em 1930 estava com dezolito, mas, desde os quinze, vinha trabalhando como repórter em órgãos da imprensa baiana. Gostaria que fizesse uma reflexão sobre estas duas datas. Como é que chega para você a idéia de revolução?

JA — Em primeiro lugar, devo lhe dizer que o jovem, pela própria natureza, é rebelde. O jovem não é, em geral, revolucionário, salvo algumas exceções. A juventude é generosa, se espanta, se aborrece e se revolta com as injustiças e contra tudo que possa significar opressão. Na minha primeira juventude, minha quase meninice, quando comecei a trabalhar na imprensa e a ter contato com outros jovens "subliteratos retados", nós vivíamos intensamente a vida popular baiana e nos revoltávamos contra as condições existentes de atraso e de injustiça social, mas de uma forma muito vaga. Não havia nenhuma idéia mais precisa de ordem revolucionária, era uma rebeldia natural da juventude e muito literária, no sentido de fora da realidade.

EAD — E as notícias de Moscou e da revolução soviética?

JA — Durante a década de vinte elas chegavam, mas ainda como algo distante. Nosso conhecimento do processo revolucionário soviético se acentua a partir da Revolução de 30. 30 é que é a grande data. Até então nós fazíamos uma vida de subliteratura, escrever poemas... era ainda a luta contra o Parnasianismo, o academicismo, contra Coelho Neto, coitado, que levou tantas bordoadas, muitas delas injustas. Em geral, nós acusávamos todo mundo sem ter lido nenhum deles. Mas a revolução de 30 é que veio realmente marcar e ser um divisor de águas, porque não teve o aspecto dos golpes militares ou tentativas de golpes militares que a precederam. Antes de 30, a epopéia



da Coluna Prestes já havia nos tocado como algo heróico que se passava no interior do país e que durou uns dois anos entre 24 e 26. Depois, há o movimento da chamada "Aliança Liberal". Eu, por exemplo, trabalhei num órgão que se chamava *O Jornal*, que defendia na Bahia a candidatura de Getúlio. Este foi o momento em que se discutia intensamente os problemas do país e no qual se criou, inclusive com o impacto do assassinato de João Pessoa — impacto sentimental que toca qualquer povo, mas sobretudo o nosso — um grande movimento de massas, que precedeu à revolução de outubro. Esta não foi uma revolução sangrenta, nem teve grandes batalhas. O célebre poema de Murilo Mendes "A Batalha de Itararé" ilustra

bem o que estou dizendo. Realmente a batalha de Itararé nunca aconteceu porque, como sempre, e eu digo felizmente, a tradição de negociar e conciliar prevaleceu, houve o acordo, e Getúlio tomou posse. É claro que imediatamente começaram os compromissos e a Revolução de 30 não tomou nenhum aspecto socialista, nem marchou para a radicalização, mas modificou muita coisa neste país.

EAD — Há uma polêmica em torno disso, não é? 30 foi ou não foi uma revolução?

JA — Eu acho que teve algumas características de revolução, no sentido de um acentuado apoio de massa, além de ter feito mover-se aquela água parada da República Velha. Todas as estruturas foram bulidas, quer dizer, buliu com a sociedade, fazendo-a avançar e avançar bastante. No campo econômico, abala-se a predominância do imperialismo inglês e, do ponto de vista literário, as mudanças foram grandes também. Nós vínhamos do Modernismo. O movimento modernista, que tem toda a importância que se lhe dá, foi uma revolução literária, não uma revolução política. Digo isto apesar de que, com a Antropofagia sobretudo, há um grupo do Modernismo que toma posições de esquerda, algumas radicais, como certas posições de Pagu, por exemplo, que publica o romance *Parque Industrial*.

EAD — Você não acha que nesse romance o tiro sai um pouco pela culatra, ou seja, o processo de elevação da consciência operária não ficaria prejudicado por uma certa idealização do partido?

JA — É curioso. Eu acho que se tem que ver como valor histórico da época, no que o livro significa como uma primeira tentativa de romance sobre a classe operária, da mesma forma que tínhamos os *Poemas Proletários*, do Paulo Torres, publicados em 1931. Em verdade, nós não tínhamos um grande

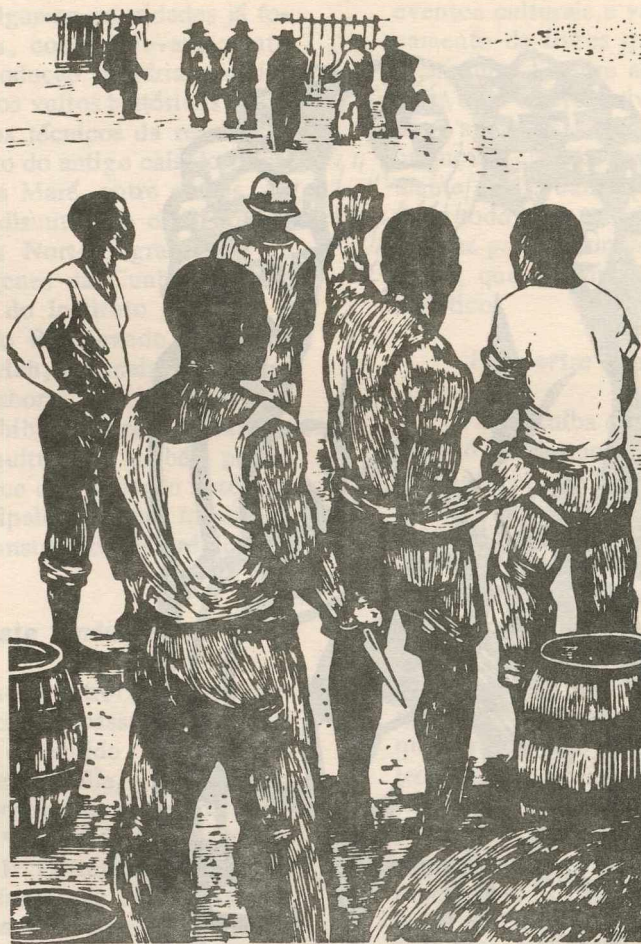
proletariado ainda, isto só vai ocorrer mais tarde. Dentro do Modernismo havia uma grande confusão ideológica. Falava-se muito da influência da Revolução Russa, mas essa influência existia apenas dentro do pequeno grupo que estava próximo ao Partido Comunista.

EAD — Gostaria de insistir no paralelo entre 1917 e 1930. Qual a importância desses dois eventos para a sua literatura e para a de seus companheiros do romance de 30?

JA — A Revolução de 17 buliu com todos nós. Eu acho que há três fatos que tiveram uma importância fundamental para a literatura e, sobretudo, para a ficção moderna: a Revolução de 17, que tocou profundamente a literatura mundial, como, por exemplo, a transformação do Surrealismo — de repente Aragon vai ser chefe de fila da literatura política, com Breton, Paul Eluard, Tristan Tzara e grande parte deles; em seguida, o cinema, que teve grande importância no desenvolvimento da estrutura do romance e da ficção como um todo; e, por fim, a psicanálise. No Brasil, respondendo a todo este contexto, a Revolução de 30, que abre uma ação intelectual muito vasta e que traz para o debate nacional os problemas da cidade e do campo. Os problemas do campo transparecem de forma evidente na obra de Érico Veríssimo, no sul, também na do Dalcídio Jurandir, na Amazônia, na saga da cana de açúcar, de José Lins do Rêgo, entre outros. Curioso é que não haja uma correspondência com o café em São Paulo, certamente devido à proximidade com o Modernismo. No Rio de Janeiro, a melhor literatura dessa época é a que vem ainda com a marca de Machado, Marques Rabelo e José Geraldo Vieira, por exemplo.

EAD — Como se dá sua aproximação com o Partido Comunista?

JA — Em 1931 entrei para a Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro, e aí começo a ter meus primeiros contatos com intelectuais e estudantes de esquerda. Logo logo estava militando na juventude comunista. Nutria um grande entusiasmo pela Revolução de 1917 e, embora não tivesse um conhecimento palpável, era extremamente sectário naquele momento. Tudo para mim era a Rússia, a Revolução Russa, a literatura russa. Meus livros **Cacau e Suor** foram fortemente influenciados pelos romances da primeira fase da Revolução, fase romântica e de uma grande força criadora, com **A Derrota**, de Fadeiev, **A Torrente de Ferro**, de Serafimóvitch, **A Cavalaria Vermelha**, de Bábel, **As Doze Cadeiras**, de Ilf e Pietrov, os primeiros romances de Ehrenburg,



Renina Katz
Ilustração para "Os Subterrâneos da Liberdade"

enfim, obras ao mesmo tempo inovadoras e críticas dos erros cometidos. Muitos desses escritores foram depois liquidados pelo Stálin. Tinha lido também **Judeus sem Dinheiro**, de Michael Gold, que depois viria a ser grande amigo meu.

EAD — Como era a sua relação com o partido?

JA — Eu comecei a trabalhar com a juventude comunista na faculdade, juntamente com o Carlos Lacerda, que já era um grande orador naquela época e então começo a militar no partido. Militei durante muitos anos — fui exilado porque era deputado do PC — até que, antes de 1955, vi que não era possível conciliar meu trabalho de escritor com o de militante. Eu nunca tive cargo de direção, mas, no fundo, dado ao fato de ser conhecido, acabei tendo uma atuação de dirigente sem ser dirigente.

EAD — No livro de John Forster Dulles Anarquistas e Comunistas no Brasil, há uma entrevista da Rachel de Queiroz em que ela afirma que, em 1931, era difícil para os intelectuais entrar no PC, devido ao fato dos obreiristas estarem à frente da direção, tendo, inclusive, tentado censurar seu romance João Miguel. Você também sofreu algum constrangimento dessa natureza?

JA — Não imediatamente. Só muitos anos depois, com **Os Subterrâneos da Liberdade**. A direção pediu para ler os originais. Prestes leu, mas recusou-se a dar qualquer opinião. Prestes tinha certas posturas muito corretas e era contra qualquer tentativa de influenciar um escritor. Mas outros dirigentes, ao contrário, queriam que alterasse, que bulisse. Me lembro de um que dizia: “— esse livro só tem putaria...” Enfim, eu não buli em nada, não aceitei isso e também já era um momento em que as coisas começavam a ser discutidas. Mas atrasou muito a publicação, que saiu em 1954. Mas foi só nesse momento. Era a fase mais aguda do stalinismo, em que as direções regionais estavam todas muito marcadas pela violência que caracterizou este período. Antes não, eles não tinham muito tempo para a literatura, mas me esculhambavam, achavam muito ruim o que escrevia, talvez devido ao meu sectarismo. Quanto ao livro da Rachel, talvez não fosse tão obreirista quanto eles desejavam. E o **João Miguel** é o melhor livro dela na minha opinião.

EAD — Em 1934, enquanto você escrevia Jubiabá, no Brasil, em Karkov, na União Soviética, estava acontecendo o Congresso de Escritores que institui o realismo



Scliar, Carlos
Ilustração para "Seara Vermelha"

socialista. Como é que esta nova tendência chegou até você e aos demais escritores ligados ao partido?

JA — O realismo socialista não chegou ao Brasil a não ser depois da guerra. Essas teorias, como outras e as idéias em geral, viajam muito lentamente, ao contrário de hoje em dia. Eu soube vagamente que tinha havido o Congresso de 34, quando Gorki vem a ser eleito Secretário-Geral da União de Escritores Soviéticos. Só isso. Nesse congresso foram estabelecidas as bases do realismo socialista. É a consolidação do stalinismo, que busca liquidar com toda crítica dentro da literatura soviética. A grande literatura soviética acaba aí. Em 1934 acaba a literatura soviética. E isto eu só vim me dar conta no tempo do exílio (1948-1953). Aqui não chegava nada. Eu só tomei conhecimento do realismo socialista em sua fase mais agressiva, depois da guerra, com o Zhdanov e suas teorias a respeito do formalismo e do realismo socialista, que aliás contém uma denúncia da arte moderna curiosamente coincidente em certos aspectos com as teorias de Hitler a respeito da arte degenerada, proveniente de uma burguesia degenerada. O realismo socialista e a arte pregada por Hitler tinham um parentesco muito próximo.

EAD — Na década de 30 há um intenso debate entre os intelectuais marxistas europeus a respeito da arte revolucionária: a questão do realismo, da tendência e do engajamento na arte. Essa polêmica envolve Brecht, Lukács, Benjamin, Eisler, Bloch e muitos outros. Ela chegou até vocês?

JA — Eu acho que não. É provável que alguns intelectuais e críticos tenham tido conhecimento. Talvez Sérgio Milliet, Mário de Andrade... Penso também num homem como Antônio Cândido, por exemplo. Será necessário que você pergunte isso a ele. A mim nunca chegou. Eu sempre fui muito ignorante, compreende? E muito pouco de ler teorias, essas coisas. Só conheci de oitiva, de ouvir dizer. Sabia que havia tais intelectuais e outros, como Henri Barbusse, Aragon, Paul Eluard. Trabalhei muito com Aragon, mas tive uma aproximação afetiva maior com Eluard. Sabia também da existência de Lukács, de quem me tornaria muito amigo.

EAD — Vocês se conheceram em 49...

JA — Não. Nós nos conhecemos em 48, no Congresso dos Intelectuais pela Paz, em Bratislava, justamente no momento em que ele é denunciado pelos zhdanovistas e começa a cair em

desgraça. Depois vem a revolução húngara e então vem a segunda e definitiva queda. Escapa apenas da morte e eu me honro de me ter mantido amigo dele, apesar de ser um membro disciplinado do partido. Eu nunca condicionei meu relacionamento de admiração ou amizade aos pontos de vista do partido e isto é uma alegria que tenho hoje na minha velhice.

EAD — E o Picasso?

JA — Picasso era membro do Partido Comunista... Em 45/46 tive ocasião de tratar muito com ele, inclusive em termos da vida política daqueles tempos e vi o que ele estava passando. Havia uma influência muito grande do stalinismo na arte e na literatura. Stálin para nós era um deus! Quem me dissesse que Stálin não era um deus eu me revoltava com ele... Mas depois começou o longo e doloroso processo de dúvida quanto a Stálin e a realidade soviética daquele momento.

EAD — E hoje? Em 1988 ainda há lugar para a utopia?

JA — Creio que sim. Veja você: no momento está se passando um fato da maior importância, que é a revolução dentro da revolução na União Soviética, com a Perestroika e o Gorbachev. A gente tem que apoiar, porque, da mesma maneira como a revolução de 1917 buliu com todos nós, com a minha geração, com a tua, com todo mundo neste século, também esta revolução que está se passando agora tem o mesmo peso. Isto porque ou a sociedade soviética realmente evolui e se limpa de toda essa sujeira que acumulou, resgatando a noção de socialismo — não se faz socialismo a não ser em função do homem e do seu desenvolvimento por inteiro como indivíduo — ou então o destino da humanidade será muito triste. Há o perigo concreto de um retrocesso... e uma guerra atômica que venha por aí acaba com qualquer tipo de vida sobre a terra. Eu penso que tudo isto hoje está na dependência da batalha que está sendo jogada na União Soviética, entre aqueles que querem levar realmente o mundo socialista à sua verdade e aqueles que pretendem manter uma burocracia criminosa, corrupta, monstruosa. Eu estive agora em Moscou e venho convencido de que essa batalha é de todos nós. E uma utopia? Se é uma utopia, a utopia continua.

Eduardo de Assis Duarte é professor do Departamento de Letras da UFRN.

MACAÍBA:

"Meu lugar de viver"

Macaíba, a cidade de uma das mais importantes poetisas do Estado, Auta de Souza, será sacudida em breve por iniciativas nas áreas de cultura e meio ambiente, que prometem chamar atenção no Rio Grande do Norte para o município. E o que é mais importante: servirá de exemplo para os administradores que ainda estão com a cabeça no século XIX, quando governar bem era fazer obras físicas e abrir estradas. A prefeita Odiléia Mesquita pensa diferente. Ela sabe que essas obras são importantes, mas que um povo sem cultura e sem memória histórica não terá condições de entender e valorizar as ações do presente, por absoluta falta de parâmetro cultural para julgar.

Com uma idéia na cabeça e uma caneta na mão, a prefeita de Macaíba, Odiléia Mesquita, dá um primeiro e fundamental passo para concretizar uma política cultural consistente para o município. Está enviando à Câmara Municipal um Projeto de Lei criando a Fundação Cultural e do Meio Ambiente de Macaíba, a FUMAC. A Fundação terá a missão de preservar a memória cultural, artística e histórica da cidade, além de incentivar e difundir as atividades artísticas e culturais.

"A Fundação não visa só a preservação da memória histórica e cultural do município e o fomento à cultura, mas também transformar Macaíba numa cidade histórica, que ela já é", diz a prefeita Odiléia Mesquita, que pretende conseguir apoio da iniciativa privada para detonar o movimento cultural na sua cidade. Num Estado onde palavras como "política cultural", "software", ou "modernidade", não fazem parte do dia-a-dia das pessoas, não é difícil imaginar o impacto que as propostas da prefeita para o setor terão.

Muito trabalho espera a FUMAC, mas algumas prioridades já foram definidas, como o levantamento de toda a produção literária e dados biográficos dos vultos históricos da cidade, projetos técnicos da reconstrução do casário do antigo cais do porto e da Praça da Maré, entre outros.

— Já discuti com o presidente da Academia Norte-riograndense de Letras, Diógenes da Cunha Lima, e o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Enélio Petrovich, a maneira como eles poderão colaborar no levantamento histórico e bibliográfico —, explica Odiléia Mesquita, que também pedirá o apoio técnico da Fundação José Augusto, principalmente no tocante a parte de reconstrução dos prédios antigos.

Resgate fundamental

Não se constrói o futuro passando por cima do passado e isso foi muito bem entendido no Primeiro Mundo (Grécia, Itália, França, para ficarmos só nestes três exemplos). Macaíba foi a 1ª Capital do Rio Grande do Norte e 1º Entreponto Comercial do Estado, fatos que poucos sabem. Por isso, possui um considerável acervo arquitetônico, que precisava ser preservado. À Fundação Cultural e do Meio Ambiente de Macaíba, caberá essa nobre tarefa.

Os planos da prefeita Odiléia Mesquita deverão mudar radicalmente o setor cultural de Macaíba. É com entusiasmo que ela fala da criação do Museu do Comércio, e da transformação do Museu do Ferreiro Torto no primeiro museu ecológico do Nordeste. "Nós trabalharemos junto com o Plano Diretor da cidade para criar áreas de preservação ecológicas", diz a prefeita.



Odiléia cria a Fundação Cultural.

A cidade terá um calendário de eventos culturais e vai priorizar o lançamento de livros que falem sobre o município. Sempre apostando na parceria com o setor privado, a Prefeitura dará apoio as empresas que desejem promover eventos culturais, principalmente arte e dança popular. Na realidade todo esse trabalho na área cultural, faz parte de um projeto mais ambicioso, que é tornar Macaíba em pólo turístico.

Despertar uma vocação

"Macaíba é uma cidade bonita. Nós só precisamos fazer com que isso seja despertado", afirma a prefeita Odiléia Mesquita, chamando atenção para o rio belíssimo que banha a cidade, o casário histórico e a condição de Macaíba ser o berço da poetisa Auta de Souza.

Aliás, é pensamento da prefeitura criar um prédio nacional que homenageie a poetisa Auta de Souza, que terá o apoio da Associação Brasileira de Escritores. Para isso ele espera, também, contar com o apoio do empresariado.

Outro trunfo que Odiléia pretende fazer uso é com relação a vaquejada realizada anualmente no Parque Otaviano Pessoa, o que hoje é considerada uma das melhores do Rio Grande do Norte. Aliada a vaquejada serão mostrados o artesanato e a comida típica.

Na realidade, quando a prefeita lança projetos na área cultural, de meio ambiente e de turismo, todos concatenados uns com os outros, nada mais faz do que seguir uma tendência cada vez mais presente nas administrações modernas rumo ao desenvolvimento auto-sustentado e modernizante que nos levará daqui a alguns anos ao século XXI.

Comunicação cria o ambiente social para o impeachment de Collor

GAUDÊNCIO TORQUATO



os eixos sociais que influíram sobre a decisão do Legislativo e como a sociedade reagiu ao afastamento do presidente — estas são questões em foco.

A primeira evidência aponta para o papel dos meios de comunicação no episódio que culminará com o afastamento definitivo de Collor. A hipótese é perfeitamente aceitável: os meios de comunicação criaram as condições sociais para o impeachment. Não há dúvidas. A licença dada pela Câmara dos Deputados para o afastamento do presidente foi uma decisão conseguida graças a uma ampla mobilização social, deflagrada pelos meios de comunicação, operacionalizada pelas forças políticas, fiscalizada pelas entidades organizadas da sociedade civil, principalmente a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), e resultado, enfim, do desmascaramento de um mito. Um presidente consagrado pelo voto, com imagem de "Salvador da Pátria", transforma-se numa espécie de traidor da vontade popular. O enredo básico é um só: o presidente estaria por trás de uma quadrilha, comandada pelo empresário Paulo César Farias (mais conhecido como PC, tesoureiro de sua campanha presidencial), que extorquia dinheiro de empresários usando sua influência junto ao Governo. PC montou uma rede de interesses em praticamente toda a malha da administração federal.

Para se entender a decisiva influência da mídia no episódio do impeachment, é preciso analisar os parâmetros e cenários, que funcionaram como balizadores da decisão tomada pelo Parlamento. Dentre estes, destacam-se:

O discurso e a prática do presidente — Collor iniciou o seu Governo com um dos mais aplaudidos discursos de presidente da República. De inspiração neo-liberal, mostrou os caminhos para inserção do País no contexto do mundo desenvolvido, apresentou um programa de modernização da economia, defendeu a redução do Estado, convocou o empresariado para a retomada do desenvolvimento e se mostrou como o xerife capaz de derrubar a inflação com um golpe de "ippon" e eliminar os vícios da cultura política. Mas o discurso acabou atropelado pela realidade. Após a posse, o presidente confiscou os investimentos em poupança da população, fazendo o País

O impeachment do presidente Fernando Collor de Mello, do Brasil, é um fato de extraordinária significação para a América Latina, em particular, e para o conjunto dos países desenvolvidos. Mostra que um dispositivo, de inspiração democrática, nascido no bojo do ideário constitucional norte-americano, pode ser usado, sem abalo para as instituições, mesmo em sistemas democráticos incipientes, onde prevalecem o clanismo grupal, o individualismo egocêntrico, as disputas entre feudos, a cultura do fisiologismo e as burocracias acostumadas ao ócio e à corrupção.

Não há boa fé na América, nem entre os homens nem entre as Nações. Os tratados são papéis, as constituições não passam de livros, as eleições são batalhas, a liberdade é anarquia e a vida um tormento.

O conceito e as imagens são de Simon Bolívar. Para quem, um dia, recebeu perfil tão negativo, não deixa de ser motivo de orgulho para a América Latina ver um de seus países dar exemplo de estabilidade institucional, ao se defrontar com um caso sui-generis de afastamento de seu presidente por quebra de preceitos constitucionais. Tirar um presidente eleito com 35 milhões de votos, sem as armas do golpe armado, é um feito excepcional num país que tem pequena e relativa experiência com a democracia. Quais os vetores que incidiram sobre a decisão do Poder Legislativo, quais

mergulhar em um clima de desconfiança, frustração e medo. A população jamais o absolveu, apesar de seu Governo, durante 12 meses, ter ressarcido, com perdidas, as poupanças confiscadas. Esse fato pesaria para aumentar o aval da população ao pedido de impeachment.

Equipe dissonante — Collor nunca resolveu a questão da identidade do Governo. Escolheu uma equipe inexperiente para comandar a economia, passou a realizar congelamentos de preços, de acordo com uma política populista, que apenas fez represar, por algum tempo, o resíduo inflacionário. Desagradou o setor produtivo e empurrou para adiante os índices de inflação. A modernização da economia bateu de frente, muitas vezes, com visões ortodoxas. O presidente procurou teorizar sobre um modelo social-liberal, mas não conseguiu apoios para suas idéias. A inflação alta derrubou seus índices de aprovação social. Tivesse reduzido a inflação a patamares próximos a 10% mensais, não haveria clima para seu afastamento. Hoje, a inflação ultrapassa os 25% mensais.

Descrença nos políticos e nas instituições — a sociedade brasileira, em função do cartorialismo, mandonismo e cultura de favorecimentos, nunca esteve tão afastada dos políticos, como nos últimos 15 anos. O Congresso Nacional sempre foi visto como reduto de grandes interesses. Collor se elegeu, inclusive, porque se apresentava como um anti-político e graças a um discurso contra a corrupção. Os vazios entre o setor político e a sociedade passaram a ser preenchidos pelas entidades intermediárias, como sindicatos, associações, federações e clubes de comunidades. O Congresso percebeu que o afastamento do presidente poderia se transformar em chancela para o resgate de sua credibilidade pública.

As forças geopolíticas — é oportuno entender a realidade brasileira, a partir da conformação das forças geopolíticas do País. O Sudeste é a região que congrega os maiores grupamentos racionais, cerca de 70% dos pólos da comunicação de massa, as maiores classes médias, os maiores contingentes trabalhistas, os maiores sindicatos, cerca de 80% do parque produtivo e os maiores lobbies. O Sul é conservador e muito isolado, enquanto as regiões do Nordeste, Norte e Centro-Oeste são consideradas politicamente fisiológicas. O Sudeste capitaneou o afastamento do presidente, criando uma densa massa de pressão, que funcionou, em círculos concêntricos, atingindo as margens periféricas.

As eleições municipais — este ano ocorreram no Brasil eleições para prefeitos das cidades. Mais de 4.500 prefeitos foram eleitos. O discurso comum à maioria dos candidatos era a favor do impeachment. Praticamente não apareceram candidatos defendendo Collor, principalmente porque as pesquisas de opinião pública davam o índice de quase 90% de apoio social ao impeachment. As eleições municipais ampliaram o discurso pró-afastamento.

Esses cenários se somaram à força da pressão exercida pelos meios de comunicação. O movimento de imprensa começou com as pautas do jornal Folha de São Paulo, que apóia seu marketing no lema "com rabo preso no leitor". As primeiras matérias e editoriais pedindo o impeachment e abrindo denúncias partiram da Folha de São Paulo, hoje jornal de maior circulação no País. Os outros jornais, a princípio de maneira tênue, depois mais contundentes, iniciaram um movimento investigatório, que culminou com uma média de 8 a 10 páginas diárias sobre o caso.

A opinião pública, porém, só veio a se engajar no processo do impeachment, a partir da mobilização noticiosa feita pelas cadeias de televisão. O sistema Globo, com seu jornal de notícias das 20 horas, atinge quase 80% da população, ou seja, 120 milhões de telespectadores. A Rede Globo, até então considerada simpática ao Governo, só passou a anunciar os escândalos, a partir de uma negociação entre seu proprietário, Roberto Marinho, e forças políticas, entre elas, o presidente do Partido dos Trabalhadores, PT, Luís Inácio Lula da Silva, considerado o político mais à esquerda do arco ideológico brasileiro e principal opositor de Collor, para quem perdeu as eleições presidenciais. O segundo grupo de TV mais importante, o Sistema Brasileiro de Televisão, comandado pelo animador Silvio Santos, também participou ativamente do movimento denunciatório, principalmente por meio do principal jornalista da cadeia, Boris Casoy, piloto de um programa noticioso noturno.

Há, porém, dois fatos cobertos pela mídia, que tiveram profunda repercussão sobre a opinião pública. O primeiro foi a entrevista concedida à revista *Veja* por Pedro Collor, irmão do Presidente Collor. Pedro praticamente confirmou a ligação entre PC Farias e o presidente, denunciou os métodos de extorsão do ex-tesoureiro da campanha presidencial e chegou mesmo a afirmar ter ouvido de PC que o presidente recebia comissão de intermediação de negócios.

O impacto desta denúncia foi fatal para o destino do presidente. Outras duas grandes matérias jornalísticas contribuíram para formar o clima favorável ao impeachment: a primeira foi uma reportagem de capa da Revista *ISTO É*, com o depoimento do motorista Eriberto França, que servia à secretária do presidente. Ele confirmou ter feito pagamentos com cheques de PC, demonstrando as ligações entre o empresário e o presidente. A segunda foi uma matéria de capa da Revista *VEJA*, mostrando os espetaculares jardins da Casa da Dinda, residência de Collor, onde teriam sido gastos 10 milhões de dólares, pagos com dinheiro de PC. A denúncia provocou indignação e apressou o aval da sociedade, acelerando a decisão do setor político.

Fato de grande impacto foi a própria cobertura da licença para o pedido de impeachment. As televisões e emissoras de rádio cobriram a sessão da Câmara dos Deputados, exibindo, ao vivo, o voto de cada parlamentar. A cobertura ao vivo funcionou como sistema de pressão sobre a decisão da Câmara dos Deputados. Os deputados temiam a reação popular a um voto favorável ao presidente.

O Brasil foi, então, envolvido pelo clima de impeachment. As cidades foram tomadas por manifestações e comícios. Nas principais capitais, jovens saíram às ruas, com as caras pintadas, comemorando o pedido de licença para o afastamento do presidente.

Os meios de comunicação continuam, hoje, a dar grande espaço ao processo de impeachment. O episódio mostrou que os meios de comunicação criaram efetivamente o ambiente propício ao afastamento presidencial. Mostrou, ainda, que a imprensa tem decisivo papel para o aperfeiçoamento do sistema democrático. Principalmente, em países de incultura política, onde os espaços dos feudos e a força econômica costumam ditar as regras. No Brasil é inegável que os meios de comunicação estão dando viva demonstração de suas funções sociais.

** Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da Universidade de São Paulo, analista político, consultor de marketing eleitoral e autor de cinco livros sobre comunicação: marketing político, jornalismo empresarial, cultura e clima organizacionais.*

Aspectos da poesia italiana deste século (I)

Franco Maria Jasiello

Em 1893, GABRIELE D'ANNUNZIO escrevia — percebendo, com sua poderosa capacidade de assimilar, logo ao nascer, o gosto e as idéias propostas pelo momento histórico e social — uma matéria jornalística, em três artigos, intitulada “A Moral De Émile Zola”, na qual assinava o atestado de óbito não só do naturalismo e do positivismo, mas de todas as crenças impostas pela cultura do fim do Século XIX.

Esse atestado pode ser resumido nesse pequeno trecho do discurso dannunziano: “O experimento cumpriu-se. A ciência é incapaz de povoar novamente o céu deserto, de devolver a felicidade às almas nas quais destruiu a paz ingênua... Não mais queremos a verdade. Dai-nos o sonho. Descanso não teremos a não ser nas sombras do desconhecido”.

A Itália, através do Poeta do sensualismo e da postura nietschiana, D'Annunzio, apóstolo daquilo que foi chamado “yelleitarismo”, isto é, da veleidade pequeno burguesa de realizar desejos proibidos como possuir extraordinária força física e incomum coragem, refinada elegância e capacidade oratória ciceroniana e, principalmente — junto com a vivência de impossíveis aventuras, emuladas por luxo e ostentação — um erotismo insaciável levando a consecutivas conquistas de alcovas, encontrava uma das faces do fascismo que se tornaria evidente em 1919, com a formação das primeiras milícias de camisa negra, porém encontrava, sem dúvida, também, a correnteza cultural que a fazia partícipe das artes européias as quais, a partir dos herdeiros de Baudelaire, RIMBAUD, VERLAINE e MALLARMÉ, ao redor de 1880, agruparam-se naquele movimento que se chamou “decadentismo”.

O decadentismo italiano caracterizou-se, mais do que em outros países, como definitiva recusa ao positivismo e ao naturalismo do século passado, apresentando-se — em consequência de atraso cultural, respeito às outras nações da Europa — contrário ao igualitarismo, antidemocrático e antisocialista, às

vezes, outras — voltado para a grande tradição fosciana e leopordiana — mantendo-se historicamente aderente à realidade nacional, mostrando-se, de forma incisiva, socialista e anárquico, resgatando a inocência das imagens e das palavras, mas conservando, de uma ou de outra maneira, um certo provincianismo na pesquisa formal que, quando simbolista, revelou-se, uma vez mais, como veleidade nietschiana de classe média ou vitimismo nacionalista fundamentado numa espécie de Arcádia de maneira tolstoiana, como o “franciscanismo” de Giovanni Pascoli que, com D'Annunzio, mesmo antiteticamente, é a primeira voz poética do decadentismo italiano.

A partir dessas considerações preliminares percebe-se que de forma direta, em alguns casos, não os mais felizes, e de forma mais sutil, diria quase subterrânea e clandestina, a grande poesia italiana deste século desde os “Crepuscolari”, Gozzano, Corazzini e Moretti, às novas experiências dos Futuristas, à isolada voz mística de Rébora, à retomada da grande tradição, em Saba e Cardarelli, até o absoluto e racional desespero de Pavese e aos “Líricos Puros” e “Herméticos”, Onofri, Ungaretti, Quasimodo, Montale, Sinigalli, Luzi e Sereni — move-se — guardando a reserva que toda generalização exige, para evitar um reducionismo impertinente — ou em atmosfera “dannunziana” ou “pascoliana”.

Esteja bem claro que essas “atmosferas” indicam apenas uma



i Meridiani
Arnoldo Mondadori
Editore

postura histórico-filosófica perante o fato gerador da poesia e não quanto à manifestação de sua estrutura verbal e ontológica.

Dizendo que a “dor” de Ungaretti deve ser inscrita na atmosfera “pascoliana” e que a “sensualidade” de Quasimodo, assim como o “enigmatismo” de Montale pertencem à atmosfera “dannunziana”, estar-se-á dizendo que há dor na poesia de Pascoli e de Ungaretti, como há sensualidade, enigma na poesia de D'Annunzio, de Quasimodo e de Montale, no entanto a dor de Pascoli é de vítima, a de Ungaretti de protagonista, isto é, o discurso pascoliano é horizontal, atormentado por algo catastrófico por acontecer, além da herança da desgracia familiar, enquanto para Ungaretti a dor e a constatação e o discurso poético torna-se tenso, vertical com uma nova sintaxe, fazendo da analogia metáfora e da sílaba emoção contida, como a sensualidade e o enigmatismo de D'Annunzio são expressão epidêmica de voluptuosidade e busca erudita de satisfação autoafirmativa, mesmo nos momentos de absoluta força poética, enquanto, em Quasimodo, a imagem é construída com o tecido nervoso das palavras sem o subterfúgio da sedução e a linguagem montaliana é emblemática, comovida pelo segredo e pelo mistério existencial de intuir e não conhecer.

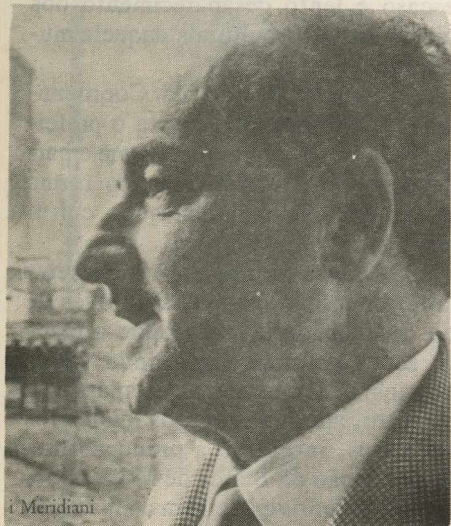
Estas observações devem ser levadas em conta para se obter uma visão mais próxima do universo da grande Poesia italiana deste século.

E preciso, antes de mais nada, dizer que dos dois grandes poetas do século passado, que abrem este século, o grande inovador é D'Annunzio e disso parece dar-se conta a maioria da lírica novecentista.

“Foi D'Annunzio, substancialmente, o poeta a ser aceito ou repellido”.

Com esta frase de Giacinto Spagnoletti, autor de uma Antologia dos Poetas Dos Novecentos, ficam definidos timbre e tom de voz da poesia italiana do primeiro e do segundo pós-guerra, porque, tomando ainda emprestado o dizer de ensaísta e crítico Giacinto Spagnoletti. “Os líricos puros devem muito, sem dúvida, a Pascoli mais secreto e ‘intelectualista’: mas, ainda mais, a D'Annunzio que desagrega com seu fluxo imaginoso a sintaxe poética tradicional, criando no interior de seu discurso oratório uma infinita auscultação do elemento verbal. Reduzido e vigiado o fluxo das imagens, baixado de uma oitava o tom da voz — o tom sempre inflado e exaltado das LAUDAS — será possível aos novos poetas sentir, de novo, a plena sugestão do ensino dannunziano”.

À parte o juízo crítico que impõe a dialética da repulsa e da aceitação até da melhor lírica e das excelentes páginas de prosa da velhice do poeta, D'Annunzio, liberto da falível e falida artificiosidade da teoria do super-homem, esquecido do fácil sucesso junto à classe média, resultante mais de uma postura mundana que intelectual, transmite às novas gerações, não só italianas, uma mensagem identificadora da necessidade imperiosa de uma expressão, nas artes, estruturalmente e formalmente distante de estéticas decorativas e objetivamente comprometidas, afirmando (antes do explícito compromisso ungarettiano com a universidade do subjetivo), a urgência da **essencialidade**. A mensagem, contida em "CEM E CEM E CEM E CEM PÁGINAS DO LIVRO SECRETO", obra da avançada velhice dannunziana, resume-se a quanto segue: "As mais arcanas comunhões da alma com as coisas só podem ser colhidas, até hoje, nas pausas que são as palavras do silêncio... Eu, que tantas vezes deleitei-me com as mais sutis análises e em afiar meu instrumento de pesquisa até a insofribel acuidade, sinto que se nossa arte estivesse prestes a se renovar, não se renovaria por sutileza, mas por não sei qual potente rudeza ingênua, do mesmo modo que partindo dos refinados deuses fídicos e prassitéticos para voltar aos XOANA primitivos não nos pareceria de nos afastarmos, mas de nos aproximarmos da divindade".



Bastará, depois dessa "confissão", ler, mesmo superficialmente, a poesia italiana que se seguiu para perceber que seus antecedentes, sua renovada tradição são fruto da profecia do poeta de **ALCYONE**.

A presença de D'Annunzio, na poesia italiana deste século, oferece aspectos múltiplos e, quase sempre, antagônicos entre si. Para o "crepuscular" Gozzano o dannunzianismo era execrável pela



magniloquência, pelo exibicionismo e pelo requinte formal, entretanto são de Gozzano, no poemeto **PAULO E VIRGINIA**, os seguintes versos:

"Oh suave região! Oh sumas palmeiras
Hirtas para o céu como dardos,
Flabelos verdes sibilantes aos ventos!"

evidentemente de ressonância dannunziana e em contraste com a poética irônica e apenas sussurada dos poetas crepusculares.

São dannunzianos os pressupostos futuristas quanto ao espírito combativo (o Bofete, a Velocidade, o Amor do Perigo, elementos do Manifesto marinettiano) e são, também, dannunzianos os ingênuos recursos onomatopéicos que, grosseiramente, acolhem a sugestão do poeta de renovar a poesia "por rudeza", fato já apontado a Marinetti pelo poeta Gian Piero Lucine, considerado, pelo autor do Manifesto Futurista, uma espécie de precursor do Futurismo e que escreveu textos antidannunzianos, mostrando a impossibilidade de representar a tragédia e a tensão de uma batalha reproduzindo os sons dos tiros através de vogais e de consoantes imitatórias, como, transferindo o cenário das letras para a pintura, Meissonier tentou fazer em seus quadros, através do descritivismo sempre limitador e, portanto, apesar da admiração do genial e infeliz Van Gogh, conseguiu pintar, segundo Manet, "tudo em aço, menos as couraças que são de papelão".

Nem a solitária experiência poética de Clemente Rebora — que em 1936, foi ordenado sacerdote — consegue fugir da imanência do poeta dos Abruzzi, em seu poema "Chuva", nos versos:

"batem os tímpanos fundos
arrastam-se os sistros lisos"
comparáveis aos de D'Annunzio do poema "A Chuva No Pinheiral":
"Chove sobre os pinheiros
escamosos e hirtos,
chove sobre os mirtos"

Os dois poetas utilizaram aquilo que se pode chamar de "valor fônico" para reproduzir o som da

chuva em distintos momentos. Sobre uma paisagem metafísica, no caso de Rebora e sobre uma exuberante natureza, no de D'Annunzio, mas os versos não limitam o efeito apenas à sonoridade e à pronúncia, expressando duas situações de identificação com as coisas criadas, tendendo, uma, à dissolução dos termos matérias de percepção e, outra, à integração panteísta com água, troncos e arbustos vistos como produto dos sentidos exasperados.



D'Annunzio não é, uma vez por todas, o VATE que estabelece regras a serem seguidas ou, definitivamente, repudiadas, mas é o componente, diria, quase o ponto de encontro daquilo que há de melhor e de pior na arte das letras italianas. Mentor da mentalidade fascista e pedra angular de uma nova construção poética, superficial e provinciano em sua retórica prosa, admirável artífice na verbalização do desencanto de seus próprios mitos quando busca sua íntima identidade esquecida na pequena miragem nacionalista e no brilho dos salões cosmopolitas. Ídolo da classe-média direitista foi o campeão do anticonformismo e arauto da trágica verdade histórica do povo dos Abruzzi. Vicissitudes de D'Annunzio e, também, em certo sentido, vicissitudes da intelectualidade e da poesia italianas antes e depois da era fascista.

Há um aspecto comum a toda grande poesia italiana deste século, expressado com maior ou menor intensidade em cada autor, a partir de Pascoli e, especialmente, do melhor (e velho) D'Annunzio. Aquele da melancolia, quase verlainiana, mas sem o desespero e a paixão do poeta francês, como se uma infinita e aguda nostalgia de outra medida de conhecimento da dor tivesse sido usurpada, pela imponderabilidade da época, à dimensão humana, pressentindo o horror da sociedade de consumo à qual, em seus últimos escritos, Pier Paolo Pasolini, acima de tudo POETA, endereça angustiadas palavras de declarado ódio.



Hamilton cria coordenadoria de cultura

O Município de São Gonçalo do Amarante, polo industrial do Estado, tem nas suas riquezas culturais outro marco em sua história. Celeiro de várias manifestações como o fandango, os congos, o bambelô, o pastoril e a dança de São Gonçalo, tem através da sensibilidade do prefeito Hamilton Santiago, buscado formas de preservar e cultivar suas tradições.

As questões sociais como saúde, educação e habitação, têm recebido atenção especial em sua administração, entretanto, ciente que os avanços de uma sociedade só ocorrerão através de uma mudança de consciência, luta para que a cultura entendida

como um processo global de atividades humanas em que não se separam as condições de meio ambiente daquelas do fazer do homem, também seja prioridade.

Está sendo criada a Coordenadoria de Cultura, vinculada a Secretaria Municipal de Educação. Informa a Secretaria de Educação, professora Maria Magnólia Ferreira Machado que vários projetos estão sendo elaborados e deverão ser implantados com recursos de convênios, oriundos do governo estadual, através da Fundação José Augusto, Ministério de Cultura, do governo Federal e da iniciativa privada.

O Município de São Gonçalo do Amarante, tem na sua denominação, seu Santo Padroeiro. De vasta tradição cultural, mantém vivo, apesar das dificuldades O Boi Calemba, os grupos de Teatro "GRUTEU", "TESGA", "ASTECA", "RENOVAÇÃO", entre outros.

Há capoeira nas comunidades próximas a sede municipal destacando-se também os trabalhos artesanais. O artesanato industrial é desenvolvido em cerâmica, produzindo tijolos e telhas; e o artístico, a confecção de objetos utilitários e ornamentais como: jarros, pratos, potes e enfeites, em barro vermelho e branco. O galo, feito em barro branco é o símbolo do artesanato local.

Na comunidade de Serrinha, desenvolve-se o trabalho artesanal em pedra. Em Jacaré-Mirim e Oiteiros encontramos o artesanato feito em cipó e em Igreja Nova, Conjunto Amarante e Santo Antônio do Potengi o trabalho artesanal em sisal, onde são confeccionados sandálias, chapéus, objetos decorativos e cordas.

Informa Hamilton Santiago que a inexistência de um órgão responsável pelas atividades culturais e a ausência de uma política específica definida, tem levado ao desconhecimento e a desvalorização dessas manifestações, o que tem contribuído para o descaso e lento desaparecimento dos valores artístico-culturais daquele município.

Com a criação da Coordenadoria de Cultura, acrescenta o prefeito: "será possível um plano com a participação de educadores como forma de integrar as manifestações culturais".

Diante da realidade a Secretaria de Educação e Cultura, através de sua coordenadoria, se propõe a realizar ações culturais instituindo vários projetos: oficinas de artes plásticas, de teatro, apoio aos grupos folclóricos autênticos, incentivo a produção literária, criação da Banda de Música Municipal, incentivo a leitura com a reativação das bibliotecas escolares, sala e cantos de leitura.

Com essas iniciativas o Prefeito Hamilton Santiago espera minimizar a contradição referente à prática educativa, onde as atividades culturais só são encaradas como práticas inerentes ao currículo, por ocasião das comemorações, dos eventos cívicos e culturais do Calendário Escolar.

FLAUTAMBOR

Eli Celso

Ah, meu pai, que se consomem em mim
as partes inflamáveis. O que vai
sobrar será um boneco cantando uma

ODE A DIONYSOS ZAGREU:

Ai, pedaço!

Tome pedaço!

Eu danço

eu bebo

eu rasgo

em carne de primeira,

segunda e outras partes

Sob teu olhar me decomponho

Tome pedaço!

Moça bonita,

tu me beijaste

os beijos

arrancados

ai, pedaço!

Depois querosene

e labareda

Eu danço

manequim de pavor

eu rasgo

eu babo

eu parto

em pedacinhos

teus brinquedos

cozidos

engulo teu coração

pião

polvilhado com gesso

e caio grávido

carrapeta, chocalho

vertigem desmaio

e flauta e tambor

enquanto reuento

meu bebê

ai, pedaço!

eu papo

brinquedinhos cozidos

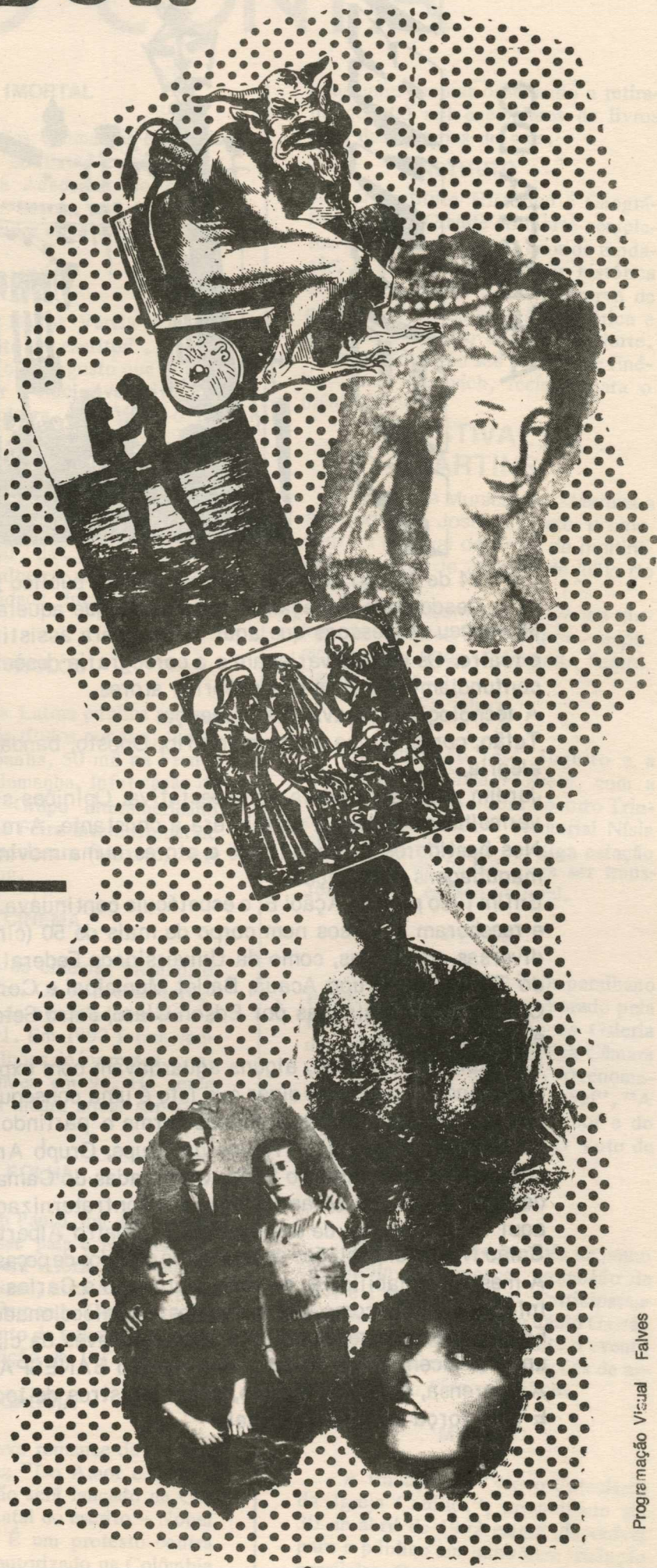
eu danço

e bebo

e traço

sou uma festa

herói sobre bagaços.



A FESTA DO

TEATRO



24 de Março de 1993, Teatro aberto, público presente e participante.

Desde cedo começamos a perceber que aquela não seria uma tarde comum. O jardim se encheu de pessoas que aqui vieram para assistir do popular ao clássico, música, dança e teatro. Os estilos variavam e a coreografia desempenhada pelos frequentadores do teatro confundiam-se com a dos próprios atores.

A tecnologia marcava sua presença.

Telão, cores, dança e documentário. Oposto, banda de música, bucolismo, clima de praça, alegria.

Jardim ocupado, platéia na expectativa. Opiniões sucediam-se, o entre e sai pela cortina vermelha de acesso à platéia era a constante. A magia prolongava-se pela noite adentro. Nos bastidores os dançarinos e atores numa movimentação de guarda roupas, textos, maquiagens e adereços.

Enfim tudo pronto. Ação! E, o espetáculo continuava. As coreografias tiveram o seu destaque e receberam aplausos num corpo de mais de 50 (cinquenta) bailarinos, representantes das diversas academias, como da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cia de Dança do Teatro, do Grupo Acauã, Ballet Municipal e Corpo Vivo.

Coreografias assinadas por Edson Claro, Jairo Sete, Domingo Medeiros, Marcelo Moacir e Anízia Marques.

A platéia era mutante, alguns aguardavam com expectativa à apresentação das suas preferências, mas vale dizer que isto é uma consequência de projetos e sonhos. Conversas, que aos pouquinhos vão tomando forma e partindo para a realidade.

A companhia teatral o Trampo da Trupe, Grupo Argamassa de Teatro, Jesiel Figueiredo com o Teatro Popular do SESI, Camaradas do Camarim, Grupo Musical Sonoroso e o Coral de Côro e Alma, fizeram a festa e a confraternização de mais de seiscentas pessoas que aqui vieram no dia de aniversário do Teatro Alberto Maranhão, 89 anos de atividades.

Salão Nobre, exposições de figurinos e cenários de peças teatrais, que por este paço já passaram.

A mestria e habilidade de João Marcelino e Carlos Sérgio ofereceram aos visitantes informações de como são montados e confeccionados cenários e figurinos.

Foi um presente recebido pelo Teatro através da classe e passado ao público, graças ao apoio e incentivo de Instituições como o BANESPA e BEMGE, a quem agradecemos.

A imprensa, obrigada mesmo, pelos registros de todo o evento.

É uma força sempre presente!

Selma Meira e Sá Bezerra
DIRETORA DO T.A.M.

O GALO CONTA

DIREITOS

O Galo tem prazer em registrar: Eriberto França, potiguar, que teve grande responsabilidade na história do COLLOGAITE, recebeu o prêmio Alceu Amoroso Lima Direitos Humanos, do Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade, do Rio de Janeiro.

TELÉGRAFOS

O Telégrafo surgiu há 200 anos. Claude Chappe foi o seu criador. Quase tornou-se uma vítima do terror político da Revolução Francesa. A primeira instalação ocorreu em 1790 e foi destruída pelos parisienses, que achavam que ele estava sinalizando os contra-revolucionários realistas.

MARINHO

O jornalista Roberto Marinho, 88, é candidato à Academia Brasileira de Letras. Disputará a cadeira 39, que era ocupada pelo escritor Otto Lara Resende. O futuro acadêmico que já conversou com Jorge Amado sobre o fato, disse "Não creio que eu tenha valor literário", quando questionado se concorreria a vaga. Ora. Ora. Ora...

CINEMA

Seis festivais de cinema vão acontecer no Leste Europeu. Em São Petersburgo (Rússia) de 23 a 29 de junho, em Varna (Romênia), de 3 a 9 de setembro, em Kaliningrado (ex-Koenigsberg), de 13 a 23 também de setembro. Depois vem o de Varsóvia (Polônia), 08 a 17 de outubro, e Internacional de Praga (República Tcheca). O último será o fórum de cinema Estreantes, em Bratislava (Eslováquia), 28 de novembro a 4 de dezembro, que prestará homenagem à obra do Cineasta alemão Volker Schlöndorff.

BIBLIOTECA

Um sistema de segurança com células fotoelétricas foi apontado pelo diretor da biblioteca da Universidade Federal de Sergipe, Justino Alves Lima, como solução para reduzir urgente o número de furtos de livros. Diz Justino "Ser essa a opção que temos para combater a ação de usuários inescrupulosos de nossos serviços". Essa prática é comum em todas as bibliotecas. Falta de conscientização da preservação da memória.

IMORTAL

Luiz Carlos Guimarães é o mais novo imortal do Estado. Assumiu a cadeira 37 da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, que pertenceu a Jorge Fernandes e Newton Navarro.

IDÉIA

O poeta Dailor Varela é o pai da idéia "Adote um escritor", projeto da Fundação José Augusto que objetivava sensibilizar a iniciativa privada a investir na cultura. Está feito o registro.

CNBB

O bispo de Guarabira e coordenador da Regional 2 da CNBB D. Marcelo Pinto Carvalheira, recebeu o título de "Personalidade Internacional de 1992".

TÍTULOS

A América Latina publica somente 35 mil novos títulos por ano, contra 36 mil na Espanha, 50 mil na França e 60 mil na Alemanha. Informação do presidente do Grupo Interamericano de Editores, na Feira Internacional de Livros de Guadalajara (México), Alfredo Weiszflog.

CINEMA

Não é só os cinemas brasileiros que estão vazios. Os franceses perderam 1 milhão de espectadores em 92 em relação a 91. Em 1992 foram vendidos 116,4 milhões de ingressos, contra 117,5 milhões em 91. Há cerca de dez anos a média anual superava 200 milhões.

FOLHA

A Folha de São Paulo, um dos melhores jornais desse país e responsável, entre outros, pela vitória da democracia quando retirou, através do impeachment o Sr. Fernando Collor, registrou o lançamento da revista "O Galo" de nº 3, na edição de 19/3/93.

GARCIA

O mais novo romance de Gabriel García Márquez "Do Amor e Outros Demônios", não será lançado na Colômbia, terra natal do escrito — Nobel de Literatura. É um protesto contra o comércio — autorizado na Colômbia — edições piratas de suas obras e de outros escritores latinos. Márquez já

conseguiu liminar ordenando a retirada de 800 mil exemplares de livros seus das livrarias do país.

INSTITUTO

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte completou dia 29 de março, 91 anos de fundação. A mais antiga instituição histórica do Estado detém o maior acervo de pesquisa e documentação histórica e geográfica do Rio Grande do Norte. À frente do órgão seu presidente Enélio Lima Petrovich, reeleito para o biênio 93/95.

"FESTIVAL DE MARTINS"

A Prefeitura Municipal de Martins e a Fundação José Augusto promovem o I Festival de Artes de Martins, que ocorrerá de 23 a 25 de julho do corrente ano.

Haverá lançamento de vários títulos de autores do Estado, exposições de Artes Plásticas, Teatro, Dança e Música.

NÍSIA

A Fundação José Augusto e a Prefeitura de Nísia Floresta, com a colaboração da escritora Socorro Trinidad, irão construir o Memorial Nísia Floresta e recuperar a antiga estação ferroviária de Papari, para ser transformada em espaço cultural.

PEDRO

Os 150 anos do pintor paraibano Pedro Américo será comemorado pela FJA com uma exposição na Galeria de Arte da Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Alguns trabalhos do renomado artista: "A Batalha do Avaí", "A Noite com os Gênios do Amor e do Estudo. Paz e Concórdia. O Voto de Heloisa".

CANGAÇO

Mossoró foi sede no mês de junho do Fórum do Cangaço, promoção da FJA e a prefeitura local. Participaram estudiosos do tema como Paulo Gastão e Gutemberg Costa. Durante o evento ocorreram palestras, exposições de artes plásticas, vídeos e filmes.

MORTE

A tradução do "Novo Catecismo da Igreja Católica", promulgado em 30 de abril de 1992 estará disponível para o público em julho com tradução brasileira. O novo texto admite a pena de morte, mas recomenda meios não sangrentos".

AÇÃO CULTURAL: para quem - para que

* Hernano Figueiredo

Quando defendemos a formação de um circuito alternativo de Cinema no Brasil, fomos chamados de visionários pelos tecnocratas de plantão, outros por sua vez usaram a incredulidade nas instituições oficiais como desculpa para a sua indolência ou incompetência e não somaram conosco na perseguição a este objetivo. Não sei o que dirão agora que esse projeto utópico começa a deixar de ser utópico. Finalmente após tantos anos de insistência na luta pela democratização do acesso ao Cinema para maiores parcelas da

população aparecem os primeiros apoios significativos por parte de órgãos oficiais. Mesmo que sejam ainda insuficientes os recursos destinados a formação de Cineclubes e manutenção de exposições regulares em bairros periféricos (Cineclube Tirol/ Prefeitura do Natal) e interior do Estado (Fundação José Augusto/Minc) garantem a grande arrancada para que os delfinhos de CINECLUBISTAS "visionários" transformem-se em realidade concreta. Não sei se isso se deve a mudanças de autoridades ou a mudanças nas autoridades, isto é se a simples mudança de pessoas ou a mudança de mentalidade, seja qual for o caso agradecemos penhoradamente ao Ministro Houaiss e equipe na pessoa de Marcos Acyoli e ao Prefeito de Natal Aldo Tinôco Filho (sem a equipe) pela sensibilidade a esta causa pois, é mesmo muito importante que os Governos independentemente do "matiz" ideológico entendam que um país não pode sair do atraso enquanto o povo continuar na ignorância, enquanto permanecer a ruptura entre os processos: educacional e educativo, sendo este mais amplo do que aquele.

Não basta a exibição de filmes, peças de teatro, mostras de pintura, para a população isso é parcialmente democrático, mas o que é absolutamente necessário e plenamente democrático é a realização de oficinas e cursos que transmitam as técnicas e proporcionem os meios para que o cidadão comum possa conhecer, entender e até se expressar nas diversas linguagens e formas de expressão artística. No caso particular do cinema e da televisão o trabalho do cineclube através das oficinas de iniciação cineclubistas é duplamente importante considerando que

o cinema é ao mesmo tempo uma forma específica de expressão e veículo de cultura, arte e informação, daí a sua importância política não porque vá substituir velhas mentiras por verdades novas, até porque por mais verdade que seja a nossa verdade não poderá sê-lo para outrem enquanto não for assimilada racionalmente como tal, é politicamente importante porque pretende estimular e trabalhar o senso crítico para que o Cidadão fique em melhores condições de rejeitar verdades e mentiras absolutas e entender melhor o seu papel no bairro, na Cidade, no País e na busca de uma consciência nacional. "Um País mais que divino, masculino, feminino e plural" como na canção de Caetano. É claro que não seremos baluartistas ao ponto de pensar que o nosso trabalho seja a única iniciativa nesse sentido adotada, mas queremos mesmo alçar-lo como bandeira de uma ação cultural transformadora e ao mesmo tempo para a transformação da ação cultural ora concebida e desenvolvida por muitas instituições pois ao contrário do que pensam muitos, nunca fomos subversivos, sempre fomos, no entanto, e continuaremos **superversivos** e é justamente a superação dessas concepções caquéticas e propósitos utilitaristas da arte e da difusão cultural o que continuamente buscamos.

P.S. O Circuito popular de cinema é importante porque ver cinema é bom.

* Hernano Figueiredo é presidente do Cineclube Tirol e chefe do Núcleo de Cinema e Vídeo da Fundação José Augusto.



O sonho de um mundo de paz
Um Mergulho
no
Lixo Atômico



a seca
no sangue



of the Americas



Mãe não tem cópia

Novas tecnologias e mudanças Culturais

A produção artística e cultural natalense se situa hoje entre duas tendências marcantes. A primeira, mais voltada para uma cultura de tipo folclórico — invariável durante anos e puramente tradicional. Segunda tendência: a internacionalização cultural, em que a cultura se torna cada vez mais supranacional, é progressiva e corresponde ao desenvolvimento das relações humanas em todo o mundo e em todos os aspectos.

A cultura de tipo folclórico, tradicional e invariável durante séculos, só é possível em sociedades que por alguma razão estão estancadas e bloqueadas em seu desenvolvimento tanto quanto nas relações econômicas e sociais, como afirma Adam Schaff no livro "A Sociedade Informática", editora Unesp/ editora Brasiliense, 1990. Fazer uma citação dessa na terra do mestre Lufs da Câmara Cascudo pode parecer provocação. Pode até parecer, mas não é.

Jóis Alberto

Na realidade, felizmente, moramos na terra de Câmara Cascudo, que não é apenas folclorista, como é mais conhecido, mas principalmente etnólogo. Felizmente porque a herança cultural deixada por Cascudo é um antídoto, um escudo não para impedir, mas para resolver os problemas de aculturação inerentes às inevitáveis modificações culturais que se produzem em consequência de relações entre duas sociedades diferentes.

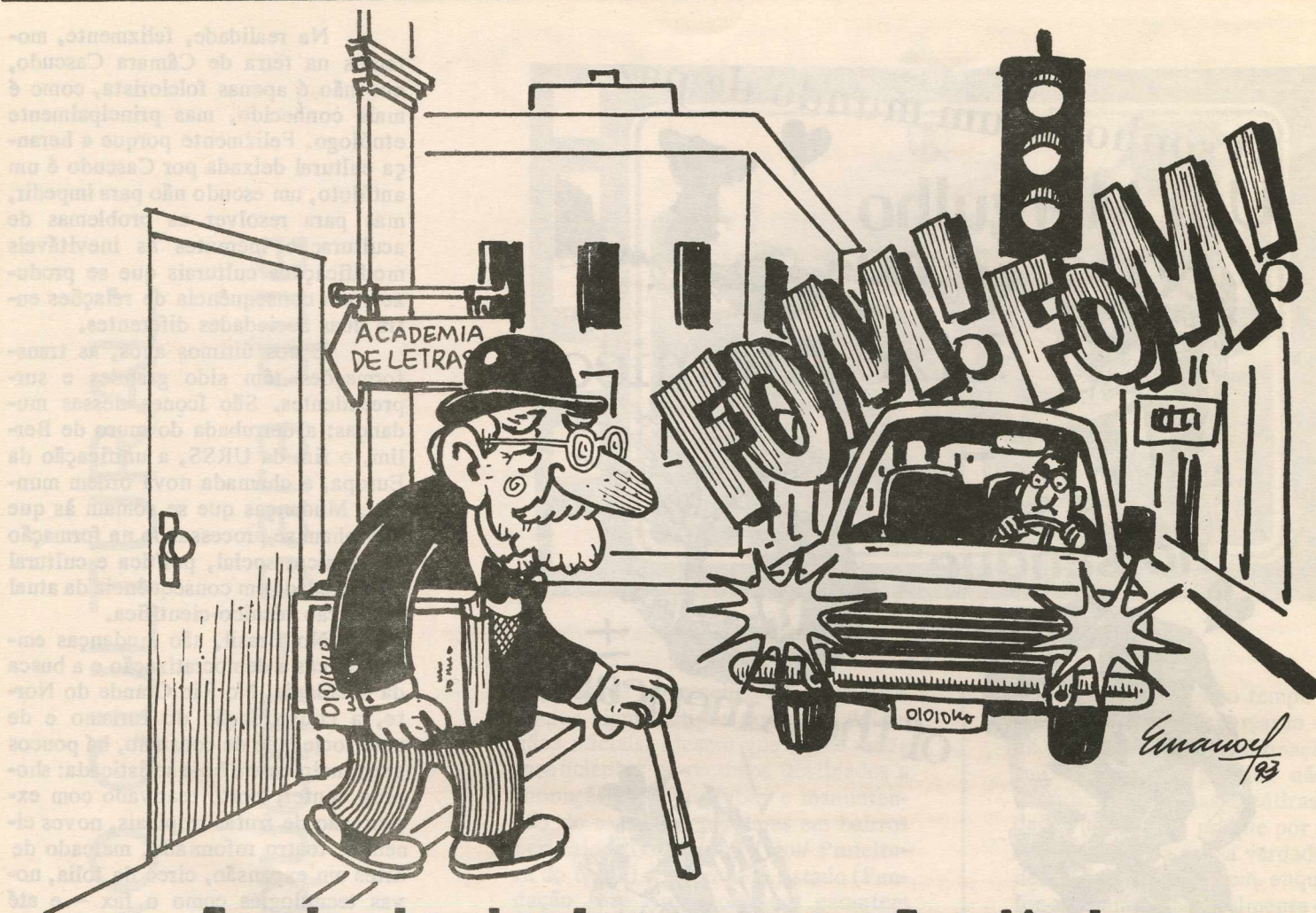
E nos últimos anos, as transformações têm sido grandes e surpreendentes. São ícones dessas mudanças: a derrubada do muro de Berlim, o fim da URSS, a unificação da Europa, a chamada nova ordem mundial. Mudanças que se somam às que já vinham se processando na formação econômica, social, política e cultural da sociedade em consequência da atual revolução técnico-científica.

No Brasil, são mudanças emblemáticas a democratização e a busca da cidadania. No Rio Grande do Norte, a consolidação do turismo e de uma sociedade de consumo, há poucos anos incipiente e hoje sofisticada: shopping center, porto reativado com exportação de frutas tropicais, novos cinemas, teatro reformado, mercado de artes em expansão, circo da folia, novas tecnologias como o fax — e até o final deste ano, o telefone celular na cidade — vídeo cassete, CD, mudanças de hábito, etc, etc.

Nesse cenário, em que a sociedade informática é como um iceberg de um mundo novo e futurista, que já é realidade, qual a posição do indivíduo humano? Que conteúdo novo substituirá, por exemplo, o folclore? De quem serão os interesses que representará? Que estilo de vida propagará? Seria ingenuidade esquecer os elementos sociais — ou melhor, os elementos de classe — dos valores culturais que se difundirão na vida de várias sociedades em consequência da revolução informática.

O problema, como afirma Schaff, não seria tão agudo se todas as culturas do mundo tivessem as mesmas oportunidades de afirmação quando chegar o momento decisivo: só neste caso poderiam competir no "livre mercado" das idéias, confrutando-as com as outras e igualar sua influência nas mentes humanas. Mas isto não acontece assim: não há um livre mercado neste sentido, ao contrário, o mercado está fechado e dominado pelos que dispõem dos meios técnicos para a difusão das informações e que são mais fortes graças à sua riqueza e aos melhores conhecimentos tecnológicos.

Jóis Alberto é Jornalista



Academia de Letras: os Acadêmicos são imortais, mas não são imorríveis

MURILO MELO FILHO

Como legítimas sucessoras das Arcádias do Século 18, as atuais Academias de Letras do Brasil não são maniqueístas e têm objetivos que só serão atingidos daqui a quatro ou a cinco gerações, quando muitos anos já terão decorrido.

Elas estão divididas apenas e sempre em duas alas: a dos que se vão e a dos que estão chegando.

Joaquim Nabuco já dizia que, nas casas de intelectuais como as Academias de Letras, o outono e o inverno só entrarão algum dia se usarem pseudônimos...

Charles Péguy chamava a atenção para o instante em que o homem maduro, certo dia, verifica surpreso e melancólico que a juventude ficou para trás. E Goethe, no seu Fausto, tenta negociar a alma com o diabo numa troca com a imortalidade, em cujo sonho os acadêmicos encontram a mais feliz das ilusões do outono e das antevisões do inverno.

Os acadêmicos têm seus nomes narcados para sempre como ocupantes de 40 cadeiras. É como se estivessem munizados do esquecimento. Cultivam a ilusão de que nem tudo desaparecerá com eles e de que terão uma sobrevi-

vência na lembrança da posteridade, embora aconteça que não mais estarão vivos para presenciar-la.

As Academias raramente procuram candidatos. São eles que têm de bater às suas portas, sempre abertas a todos as candidaturas justas e respeitáveis, democraticamente apresentadas.

Elas têm apenas uma síndrome e um tabu: o de que, lá dentro, não se deve falar em vagas, pelo menos enquanto elas não existirem... Porque alguns candidatos vislumbram nos acadêmicos apenas dois Vs: o V da vaga e o V do voto.

Fundada Há 56 anos, no dia 14 de novembro de 1936, a Academia Norte-riograndense de Letras tem sido um desmentido vivo aos vaticínios que prevêm vida curta a instituições culturais, pois vem sobrevivendo há mais de meio século, sempre fortalecida no respeito de todo o Rio Grande do Norte, como guardiã das mais sagradas relíquias da inteligência e da sabedoria.

Numa época em que a Academia Brasileira de Letras ainda não admitia a presença de mulheres no seu quadro de acadêmicos, a Academia Norte-Rio-

grandense já se orgulhava de acolher em suas cadeiras algumas poetisas e escritoras admiráveis: Isabel Godim, Nísia Floresta, Auta de Souza, Carolina e Palmyra Wanderley, além desta atual e competente acadêmica, que é Maria Eugênia Montenegro.

Transformada numa casa respeitável, a ANRL foi, é e será sempre uma inexpugnável cidadela intelectual.

O acadêmico João Wilson Mendes Melo costuma aconselhar os seus colegas, quando atravessarem uma rua, para terem muito cuidado com o sinal do tráfego e com a disparada dos automóveis, porque, afinal de contas, todos eles são imortais, sim, mas não tanto... Não são imorríveis...

Apesar de imortais, os acadêmicos são efêmeros e transitórios. Só as Academias são permanentes e duradoras.

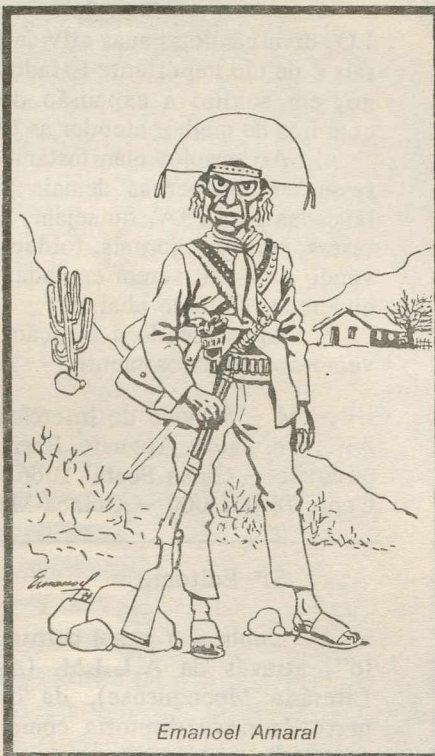
MURILO MELO FILHO
(da Academia Norte-Riograndense de Letras)



Gilberto Alves



Mário Sérgio



Emanuel Amaral



Joailson Soares.



Falves Silva



Socorro Soares



Aucides



Iaperi Araújo

"O CANGAÇO PELOS ARTISTAS"

"Uma ótica diferente que busca resgatar um pouco do romantismo cavalheiresco, da saga da guerrilha sertaneja e a luta sem glórias no sertão do nordeste."

Este foi o objetivo do álbum sobre cangaço, publicado, pela F.J.A. e lançado em Mossoró, no dia 12 de junho, que registra a visão dos artistas: Aucides Sales, Emanuel Amaral, Iaperi Araújo, Joailson Soares, Mário Sérgio, Socorro Soares, Falves Silva e Gilberto Alves.

Durante o fórum sobre o tema foi criada a Associação Brasileira de Estudos do Cangaço. A primeira diretoria foi constituída por: Paulo Gastão (presidente), Iaperi Araújo (vice-presidente), Kyldemir Dantas (1º secretário), Gutemberg Costa (2º secretário), e ainda Raimundo Soares (1º tesoureiro), e João Saldanha (2º tesoureiro).

Em setembro ocorrerá em Natal, promovido pela Fundação José Augusto, um seminário sobre o cangaço, com as presenças de Frederico Pernambuco, Oleana Freitas, da Bahia e Padre Nóbrega, da Paraíba, filho de Chico Pereira, que em 1924 chefiou o bando de Lampião no ataque a cidade de Souza (PB) e que foi morto em 1928 em Currais Novos.

Cartas

Srª Editora

Sou professor de Redação e Literatura (Bacharel-UFRJ e Mestre-USP), e gostaria de conhecer melhor O GALO. Como uma forma de apresentar-me, envio-lhes em anexo um artigo que escrevi sobre a importância da leitura.

Tenho a oportunidade de conviver diariamente com muitos alunos (estudantes e profissionais que atuam em mídias e grandes empresas), e percebo que o hábito de ler deve ser motivado como condição necessária para a sobrevivência cultural do país.

Caso desejem aproveitar esta contribuição em suas páginas, fiquem à vontade. Seria um modo concreto de colaborar na tarefa de chamar a atenção para um tema tão fundamental. De qualquer modo, se possível, agradeceria receber o último número de O GALO.

À espera de notícias, manifesto os meus melhores cumprimentos.

Cordialmente

Gabriel Perissé

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
URCA

Senhora Editora:

De posse de um exemplar do **Jornal O GALO**, dirijo-me a V. Sa, a fim de parabenizar a direção pela excelente qualidade e riqueza de conteúdo dessa publicação.

Aproveito o ensejo para solicitar uma assinatura do referido noticioso, ressaltando que o recebimento do mesmo será de grande importância para todos os que fazem a URCA.

Certo do atendimento a este pedido, fico aguardando a remessa de formulários e o valor anual da assinatura.

Atenciosamente,

Manuel Edmilson do Nascimento
Reitor

Srª Editora

Servimos para solicitar, ratificando correspondências anteriores, o apoio da Fundação José Augusto, enviando-nos, regularmente as edições de O GA-

LO, divulgando as suas atividades culturais e de tão importante Estado nordestino, em auxílio a expansão do acervo, com fins de melhor atender as pesquisas.

Ao ensejo, manifestamos o interesse em receber as demais produções lançadas pela FJA, ou sejam, livros, revistas, cartazes, jornais, folders, etc, devendo para tal, serem enviadas ao novo endereço, anotado abaixo.

Agradecendo a atenção, subscrevemo-nos atenciosamente.

BPe-EM — Serviço de Intercâmbio
A-C: Fernando Augusto Barros de Figueiredo — Caixa Postal 1066
Cep.: 78.001-000 — Cuiabá-MT

Srª Editora,

Conheci o jornal cultural "O Galo", através da A.L.I.M. (Associação Literária Mocoquense), da qual, faço parte da nova diretoria como segundo secretário.

Venho através desta pedir encarecidamente a vocês que enviem-me o jornal, sendo de alto valor literário.

Sou poeta, e estou enviando um poema de minha autoria para eventual publicação no mesmo.

Na expectativa de ser atendido.
Grato.

Ricardo Dias Flaitt de Barros

Contatos:

Rua Major Adalberto dos S. Figueiredo,
321 — Jardim São Domingos
Cep.: 13.730-000 — Mococa-SP

Academia Goiana de Letras

Goiânia, 10 de abril de 1993

A Academia Goiana de Letras saúda o povo, artistas e intelectuais do Rio Grande do Norte, pela passagem do 30º aniversário da Fundação José Augusto. Aplaudimos, vivamente, o vigoroso trabalho que esta vem executando, na pessoa de seu atual presidente, o folclorista, artista plástico e escritor Iaperi Soares de Araújo; entre outras realizações de mérito, ele não se descuida de promover e incrementar o intercâmbio cultural entre o seu e os outros Estados da Federação.

É de se ressaltar a maturidade do intercâmbio cultural entre Goiás e o Rio Grande do Norte. Tal intercâmbio foi iniciado quando o eminente homem público e educador José Augusto presidiu o 8º Congresso Brasileiro de Educação, realizado em Goiânia, por ocasião do Batismo Cultural de nossa capital, que se deu no ano de 1942. Aos dirigentes e servidores da Fundação José Augusto,

nossos aplausos, por seu fecundo trabalho em prol da cultura potiguar. Ao Presidente e ós valorosos integrantes da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, a nossa mais viva saudação.

José Mendonça Teles
Presidente

Academia Goiana de Letras

Ao D.D. Presidente da Fundação Cultural José Augusto
IAPERI SOARES ARAÚJO

Goiânia, 10 de abril de 1993

Senhor Presidente

Ao cumprimentá-lo, pelos 30 anos de existência da Fundação José Augusto, e pelo fecundo trabalho que V. S. vem realizando à frente desta entidade, nomeio o acadêmico escritor Antônio José de Moura para representar a presidência da Academia de Letras do Estado de Goiás, durante as solenidades que se realizarão em Natal, a partir de 13 de abril deste.

O referido acadêmico é portador de uma mensagem de nossa Academia, dirigida à Fundação José Augusto e à Academia de Letras do Rio Grande do Norte, para ser lida em público. Aceite os nossos cumprimentos pela passagem desta significativa efeméride para a cultura do povo potiguar.

José Mendonça Teles
Presidente

Goiânia, 22 de abril de 1993

Senhor Presidente,

Através deste, congratulamos com 30º Aniversário da Fundação José Augusto, presidida por V Sa., de grande valor para a cultura brasileira.

Esperamos que, em futuro próximo, a Universidade Federal de Goiás compartilhe com essa instituição várias promoções, visando um melhor intercâmbio cultural entre o Nordeste e o Centro-Oeste do país.

Desejando os maiores êxitos na continuidade dos propósitos e permanência dos programas culturais, que fazem da Fundação José Augusto um de nossos melhores exemplos na área, colocamo-nos à disposição para o estreitamento destes laços através do diálogo e dos interesses em comum.

Atenciosamente,

Carlos Fernando Filgueiras de Magalhães
Coordenador do NUCAIC

FRUTOS DE FERRO E ÚTIL
DA ÁRVORE-FÁBRICA
COSMOPOLITA !

(Álvaro de Campos/F. Pessoa)

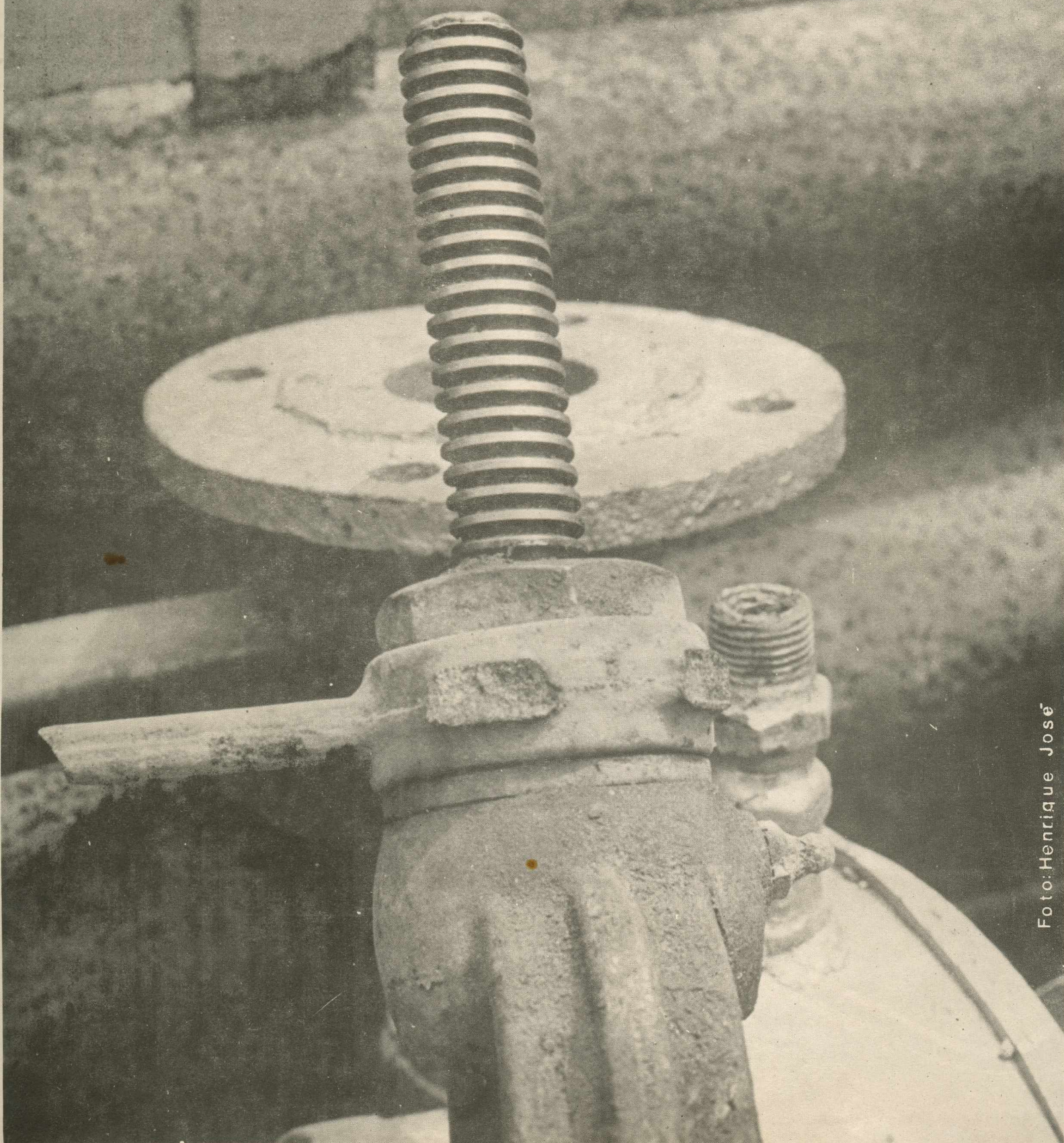


Foto: Henrique José



Pinheiro / 93